ODISSÉIA

de Homero

RESUMO DA NARRATIVA

A trama narrada pela Odisséia, epopéia de Odisseu, nome grego de que a forma latina é Ulisses, cobre diretamente as seis semanas finais do período de dez anos em que o herói da guerra de Tróia navegou pelo Mediterrâneo até finalmente retornar para casa em Ítaca. Trata-se, portanto, de uma epopéia de retorno (*nóstoi*).

A obra, como a Ilíada, é composta por vinte e quatro cantos, divisão que se atribui a Aristarcos de Samotrácia, dirigente da Biblioteca de Alexandria. Os quatro primeiros cantos mostram a cena antes da entrada de Odisseu; os cantos V-VIII tratam da viagem feita por Odisseu da ilha de Calipso à terra dos feácios e os cantos IX-XII trazem as aventuras de Odisseu entre Tróia e a chegada à ilha de Calipso. Os doze cantos finais tratam dos acontecimentos após a volta do herói a Ítaca.

A estória já começa quase dez anos depois da guerra de Tróia, na ilha de Ogígia, com Odisseu prisioneiro de Calipso que o quer para marido, parte do plano de Posido para impedir a volta do herói para Ítaca, onde sua mulher, Penélope, rechaça com estratagemas, há três anos, o assédio de pretendentes, que dilapidam a herança de Telêmaco, filho único do casal.

Abrindo cada canto, foram transcritos os resumos clássicos (alexandrinos) da edição francesa do homerólogo Victor Berard e tradução de Marcus Reis Pinheiro (*in* “Odisséia” da Ediouro).

Canto I

Prelúdio

Assembléia dos Deuses, Conselhos de Atena a Telêmaco e Festa dos Pretendentes

”A Assembléia dos Deuses se reúne acerca do envio de Odisseu para Ítaca desde a ilha de Calipso. Então, Atena vai para Ítaca, se apresenta a Telêmaco, se fazendo semelhante a Mentes, rei dos Táfios.

Ocorre então uma conversa. Atena aconselha Telêmaco a ir procurar seu pai primeiro em Pilo, cidade de Nestor, depois em Esparta, cidade de Menelau. Ela parte dando sinais de que é deusa.

Acontece, entrementes, a Festa dos Pretendentes”.

> *“Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito*
> *peregrinou, dês que esfez as muralhas sagradas de Tróia;*
> *muitas cidades dos homens viajou, conhecendo seus costumes,*
> *como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma,*
> *para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta.*
> *Os companheiros, porém, não salvou, muito embora o tentasse,*
> *pois pereceram por culpa das próprias ações insensatas.*
> *Loucos! Que as vacas sagradas do Sol hiperiônio comeram.*

Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno." (pág. 28)

Odisseu está retido na Ilha da ninfa Calipso *"que ardia em desejos de o ter por marido"*. Os deuses na ausência de Posido[1], *"que em cólera ainda se inflama contra o deiforme Odisseu"* e quer afastá-lo a todo custo de sua pátria, reúnem-se em concílio. Zeus comenta:

"Caso curioso, que os homens nos culpem dos males que sofrem!
Pois, dizem eles, de nós lhes vão todos os danos,
conquanto contra o Destino, por próprias loucuras, as dores provoquem,
bem como Egisto que, contra o Destino, à legítima esposa
do próprio Átrida se uniu, imolando-o no dia da volta,
certo do fim que o esperava sinistro, pois antes lhe enviamos
Hermes de tudo a avisar, o brilhante e certeiro vigia,
que nem se unisse à mulher, nem, tampouco, o marido matasse,
pois a vingança do filho de Atreu lhe viria de Orestes,
quando crescesse e saudades sentisse da terra nativa.
Hermes assim o avisou; mas Egisto não quis convencer-se
Dos bons conselhos de então. Ora paga por junto os seus crimes." (págs. 28-29)

Os deuses decidem que Odisseu deverá voltar à sua Ítaca:

"Mas por motivo do sábio Odisseu sinto o peito excruciado,
desse infeliz que, há bem tempo, distante dos seus vem sofrendo
preso numa ilha por ondas cercada, que é o umbigo do oceano,
arborizada e mui fresca, onde mora uma deusa preclara,
filha de Atlante, o de espírito mau, que os arcanos conhece
todos do mar, e que duas colunas muito altas defende,
sozinho, as quais entre a terra e o alto céu se levantam. Sua filha
vem procurando reter o infeliz, que, constante, se aflige,
sempre com termos melífluos e vozes de força suasória,
a enfeitiçá-lo, com o fim de que de Ítaca venha a esquecer-se." (pág. 29)

Hermes, mensageiro do Olimpo, é enviado a Ogígia para que *"anuncie à veneranda Calipso de tranças bem-feitas, a nossa resolução de mandar o prudente Odisseu para a pátria"*. Enquanto isso, Palas Atena, protetora de Odisseu, disfarça-se do estrangeiro Mentes e vai a Ítaca falar com Telêmaco, *"a um deus semelhante"*, a quem dá indicações de que Odisseu, seu pai, está vivo. Encontra o rapaz consciente de suas obrigações, mas incapaz de reações e lhe comunica:

"Não, não morreu sobre a terra o divino Odisseu, mas ainda
vive e talvez hora se ache detido no largo oceano,
em qualquer ilha por ondas cercada, onde seres malvados
e sem polícia por força o retêm, muito contra a vontade." (pág. 33)

Mentes (Atena) diz ao rapaz que parta em busca de novas de seu pai e conquiste *"entre os homens um nome preclaro"*, mirando-se no exemplo de Orestes, filho de Agamémnone.

"Logo que tudo hajas feito e a bom termo, de acordo, levado,
no íntimo da alma reflete, e no peito, também, valoroso,
como consigas matar, claramente ou por modo encoberto,
os pretendentes, no próprio palácio, que bem não te fica,
como criança, brincar; para tal, já passaste da idade.
Ou não soubeste da fama que Orestes divino entre os homens
veio a alcançar, por haver dado a Morte ao Tiestíada Egisto,

[1] Nota do resumidor: Odisseu havia cegado o ciclope Polifemo, filho de Posido e da ninfa Toosa, que havia comido seis dos seus homens (ver canto IX). No momento da assembléia, Posido visitava a Etiópia.

que, com traiçoeira artimanha, matara seu pai muito ilustre?
Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência.
Se corajoso, porque também possam vindoiros louvar-te." (pág. 36)

Enquanto isso, os pretendentes de Penélope festejam, abusando da hospitalidade da casa e dilapidando o patrimônio do Laértida e de seu filho Telêmaco. Penélope não gosta das canções sobre a guerra de Tróia que o vate Fêmio, contra a vontade, entoa, que a lembram da perda do marido, e pede para mudar o repertório, mas Telêmaco intervém:

"Mãe, por que causa proíbes que o nobre cantor nos deleite
com o que à mente lhe vem? Não têm culpa, por certo, os cantores,
sim tem-na Zeus, é o culpado, que os dons distribui entre os homens
laboriosos por modo variável, tal como lhe agrada." (pág. 37)

Telêmaco, seguindo conselho de Atena, reúne os pretendentes e lhes intima a só fazer festas *"com a própria fazenda"*, sob pena de sofrer vingança dos deuses.

Canto II

PARTE I: A VIAGEM DE TELÊMACO

A Assembléia em Ítaca e a Partida de Telêmaco

"Junto com a Aurora, Telêmaco, convocando para a assembléia os itacenses, pede aos pretendentes que saiam da casa, e solicita um navio para viajar a Pilo e a Esparta, que não consegue. Recebendo um navio de Noémone e as provisões de sua ama Euricléia, parte escondido da mãe".

Telêmaco convoca a assembléia de Ítaca e queixa-se publicamente do comportamento dos pretendentes: *"Incomportável é isso que fazem, nem é decoroso que minha casa se perca"*. Antínoo, o líder dos pretendentes, replica culpando Penélope e seus estratagemas protelatórios:

"Sabe manter esperanças em todos e a todos promete,
bem como envia mensagens, mas outros desígnios medita.
No mais recôndito soube engendrar o seguinte artifício:
Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande,
pôs-se a tecer. A seguir nos engana com estas palavras:
Jovens, porque já não vive Odisseu, me quereis como esposa.
Mas não insteis sobre as núpcias, conquanto vos veja impacientes,
Té que termine este pano, não vá tanto fio estragar-se,
Para mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta
da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se.
(...)
Dessa maneira falou, convencendo-nos o ânimo altivo.
Passa ela, então, a tecer uma tela mui grande, de dia:
À luz dos fachos, porém, pela noite destece o trabalho.
(...)
Sim, não sairemos daqui para os nossos domínios, ou de outrem,
Antes de vê-la casada com um dos Aqueus de sua escolha." (págs. 44-45)

Telêmaco replica e invoca a ajuda de Zeus, que envia águias agourentas, cujo significado é interpretado pelo vidente local Haliterses Mastórida:

"Ora, Itacenses, ouvi quanto passo prudente a dizer-vos.
Aos pretendentes com mais insistência darei este aviso.
Por cima deles já impende o perigo, porque muito tempo

não ficará Odisseu afastado daqui:já bem perto
ele se encontra, por certo, e maquina o extermínio de todos
e o cruel exício, que dele, também, há de vir para muitos
dos moradores desta ilha visível ao longe. Cuidemos,
pois, de refrear esse abuso, a não ser que eles próprios resolvam
não continuar, o que a todos de muita vantagem seria." (pág. 46)

Eurimaco, também pretendente, ameaça-o: *"Velho, é melhor que interpretes oráculos para seus filhos"*. O jovem pede a todos contribuição para uma viagem exploratória em busca do seu pai, mas não é atendido. Agora disfarçada de Mentor[2], Atena, aparece a Telêmaco e promete-lhe ajuda e acompanhamento. Telêmaco pede à criada Euricléia que lhe prepare provisões para a viagem, sem que sua mãe o saiba. Mentor (Atena) pede emprestado um barco a Noémone, providencia tripulação e o forte vento *"Zéfiro, que ressoava no mar cor de vinho"*. A própria Atena guia a embarcação disfarçada no velho e sábio Mentor e vai dando conselhos e ensinamentos ao jovem Telêmaco no caminho.

"Tendo a manobra concluído na escura e mui célere nave,
logo levantam crateras repletas de vinho até à borda,
e libações oferecem a todos os deuses eternos,
principalmente à donzela nascida de Zeus, olhos glaucos.
Té que raiasse a manhã corre a nau, perfazendo o caminho;" (pág. 54)

Canto III

Em Pilo

"Telêmaco chega a Pilo junto com Atena na forma de Mentor e encontra os Pílios terminando um sacrifício de touros para Posido. Perguntando sobre seu pai, Nestor expõe alguns dos relatos de Tróia.

Depois disso, Atena vai embora em forma de pássaro. Nestor oferece um sacrifício a ela e envia Telêmaco para Lacônia junto com seu filho Pisístrato".

"E quando o Sol se elevou, tendo o lago mui belo deixado,
em rumo à abóbada brônzea, para iluminar os eternos
deuses e os homens mortais, por sobre essa terra fecunda,
ei-los em Pilo, cidade do velho Neleu, de muralha
bem construída. Na praia, uma oferenda de touros faziam,
negros, sem açula, ao deus de cabelos escuros, Posido." (pág. 55)

Em Pilo, Telêmaco é recebido por Pisístrato, filho de Nestor.

"Ora, estrangeiro, também, a Posido, monarca dos mares,
cujo banquete aqui vieste encontrar, no decurso da viagem.
Logo que tenhas orado e libado, de acordo com o uso,
Passa, também, para o outro a cratera de vinho melífluo,
Para que libe, pois penso que sabe cultuar os divinos.
Todos os homens precisam da ajuda dos deuses eternos." (págs. 56-57)

Orientado por Atena, Telêmaco pergunta a Nestor de seu pai.

"Filho do grande Neleu, ó Nestor, dos Aquivos orgulho!
já que perguntas a terra de origem, vou logo dizer-to.
De ìtaca viemos, que está edificada na base do Neio,
Não por negócio do povo, mas, como o direi, no meu próprio.
Pus-me no rastro da fama sem par de meu pai, para novas
Obter do divo e paciente Odisseu, que contigo, assim dizem,

[2] Nota do resumidor: Mentor é um velho conselheiro de Odisseu que ficara responsável por seus interesses durante sua ausência.

Tendo lutado com os homens de Tróia, saqueou-lhes o burgo.
(...)
Venho, por isso, implorar aos teus joelhos, porque me refiras
Sobre seu fim lastimável, quer tenhas a tudo assistido
Com os próprios olhos, quer tenhas por outro vagante sabido
Notícias dele, que a mãe concebeu como ser desditoso." (págs. 57-58)

Nestor narra a Telêmaco a viagem de volta de Tróia, *"o triste regresso dos acaios, visto nem todos se terem mostrado sensatos ou justos"*. Por causa das ofensas cometidas, muitos argivos teriam padecido da perseguição dos deuses na volta da guerra, apesar de Agamémnone ter tentado inutilmente aplacar a ira de Atena. Nestor recorda-se: *"Tolo! De fato, ignorava que lhe era impossível dobrá-la, pois não se muda assim, prestes, a mente dos deuses eternos"*.

"Outros trabalhos, ainda, aturamos; e quem poderia
enumerar todos eles, dos homens mortais que hoje vivem?
Nem que cinco anos aqui demorasses, ou seis, porventura,
A perguntar que de dores sofreram os divos Acaios,
Antes, cansado, à tua pátria, de novo, tornar escolheras." (págs. 58-59)

Nestor relata a Telêmaco o destino dos principais heróis. Relembra também Agamémnone, morto pelo amante da mulher com cumplicidade dela. Mas nada sabe sobre o paradeiro de Odisseu, que em *"astúcia ninguém suportava o confronto"*. O velho empresta cavalos a Telêmaco para sua viagem a Esparta, em que é acompanhado por Pisístrato, seu filho. Atena desaparece na forma de uma águia e deixa todos boquiabertos.

Canto IV

Na Lacônia e a Emboscada dos Pretendentes

"Telêmaco com Pisístrato, sendo recebido por Menelau, relata sobre os feitos dos pretendentes em Ítaca. Então, Menelau lhe conta sobre o retorno dos Helenos e da profecia de Proteu, pelo que soube da Morte de Agamémnone e da presença de Odisseu junto de Calipso.

Forma-se um conselho de pretendentes acerca do rapto de Telêmaco. Atena encoraja Penélope, descontente com a partida do filho, através de um sonho aparecendo semelhante à Iftima, irmã de Penélope".

Telêmaco e Pisístrato chegam à Lacedemônia (Esparta), terra do rei Menelau. Embora desconhecidos, são recebidos com honras. Ao elogiarem o palácio de Menelau, ouvem dele: *"Meus caros filhos, com Zeus emular nenhum homem consegue, que imperecíveis são suas riquezas e o belo palácio"*. Após tantos anos, Menelau ainda sofre a perda do irmão Agamémnone e dos companheiros da campanha de Tróia, entre eles Odisseu, de que fala sem saber estar frente ao filho.

"Oh! Quem me dera viver com um terço dos bens no palácio,
contanto que vivos fossem os homens que outrora caíram
de Argos distantes, nutriz de corcéis, na planície de Tróia.
(...)
... Nenhum dos Aqueus sofreu tanto
como Odisseu suportou e sofreu; o futuro para ele
muitos trabalhos guardara, o que a mim aflições ocasiona
incomportáveis por tão longa ausência e porque ninguém sabe
se ainda se encontra com vida, ou se é morto; sua perda, por certo,
chora Laertes o velho, assim como a prudente Penélope,
como Telêmaco, que no palácio ainda infante deixara." (pág. 74)

Telêmaco chora ao ouvir falar do pai. Entra Helena e percebe semelhança espantosa entre o visitante e Odisseu. Pisístrato confirma que se trata de Telêmaco. Todos choram.

> *"Helena de Argos, nascida de Zeus, a chorar se pôs logo;*
> *chora, também, Menelau, de Atreu filho, bem como Telêmaco;*
> *nem foi possível manter olhos limpos o moço Nestórida,*
> *pois evocou no seu ânimo o irrepreensível Antíloco,*
> *a quem o filho admirável da Aurora brilhante matara."* (pág. 77)

Helena coloca certa droga na bebida de todos para que *"pelo menos por um dia"* ninguém pudesse ficar triste. Reunidos, ela começa a contar como Odisseu havia levado a cabo o truque do *"cavalo de pau"*, feito com a colaboração dela, cujo *"peito propenso a voltar se encontrava"*, ...*"lastimando a loucura que por Afrodite me fora dada, ao levar-me da pátria querida para Ílio, abandonando a filhinha, o meu leito de núpcias e o esposo, que nem é falto de dotes de espírito nem de beleza"*. Após narrar seu retorno de Tróia, Menelau diz ter ouvido do Velho do Mar, Proteus, que Odisseu ainda estaria vivo em uma ilha.

> *"É o de Laertes rebento, que em Ítaca tem a morada.*
> *Vi-o numa ilha afastada, a verter copiosíssimo pranto,*
> *em o palácio da ninfa Calipso, que à força o tem preso,*
> *sem que ele possa voltar para o caro torrão de nascença.*
> *Faltam-lhe naves providas de remos, assim como sócios,*
> *Que pelo dorso do mar extensíssimo possam levá-lo."* (pág. 87)

Enquanto isso, em Ítaca, os pretendentes, que não acreditavam que Telêmaco tivesse empreendido sozinho a tal viagem e que desconfiam da ajuda de um deus e vêem maus augúrios: "*Isso é o princípio do mal que há de vir"*. Planejam matá-lo na volta, armando uma cilada na ilha de Astéride, na passagem entre Ítaca e Samo. Penélope é informada por Medonte, um dos pretendentes, da viagem do filho e da conspiração. Ela lamenta e culpa as criadas por não ter sido avisada:

> *"Cedo meu pobre marido perdi, de coragem leonina,*
> *que era entre os Dânaos notável por grandes e raras virtudes,*
> *e cuja fama atingia toda a Hélade até o centro de Argos.*
> *As tempestades, agora, me o filho arrebatam de casa,*
> *sem glória alguma e sem que eu de sua ida informada estivesse.*
> *Empedernidas sois todas! Ninguém se lembrou no seu peito*
> *de despertar-me da cama, conquanto de tudo cientes,*
> *quando meu filho subiu para o escuro navio bojudo."* (págs. 92)

Atena aparece em um sonho para Penélope na forma de sua irmã, Iftima, para acalmá-la.

> *"Dormes, Penélope, com o coração por tal modo angustiado?*
> *Não te consentem os deuses, que vivem feliz existência,*
> *tanto chorar e afligir-te; ao teu filho ainda está destinado*
> *vir de tornada, porquanto ele em nada ofendeu aos eternos."* (pág. 94)

Mas a aparição se recusa a contar a Penélope o destino de Odisseu: *"Nada te posso dizer, com certeza, a respeito desse outro, se é vivo ou morto; de nada nos serve falar aereamente"*.

Canto V

PARTE II: OS RELATOS NA CASA DE ALCÍNOO – ODISSEU NA ILHA DE CALIPSO E NA FEÁCIA

A Caverna de Calipso e a Balsa de Odisseu

“Formando uma segunda assembléia dos deuses, Zeus envia Hermes para Calipso mandando libertar Odisseu. Ela faz o que é ordenado. No décimo oitavo dia, Posido o vê e se irritando, desfaz a balsa. Mas Ino lhe entrega o seu véu com ordem de o devolver assim que chegar à terra. Depois de muito sofrimento, salvo, chega à terra dos Feácios”.

Odisseu está retido na ilha da ninfa Calipso. No Olimpo, Atena conta a Zeus as mágoas de Odisseu. Hermes é enviado por Zeus para interceder junto à ninfa em favor da libertação do herói: Hermes não encontra Odisseu na gruta de Calipso. Ele está na praia olhando o mar e, em *“lágrimas, pois, a verter, contemplava o infecundo oceano”*. Hermes convence Calipso a libertar Odisseu. Ela lamenta (*“duros sois todos os deuses e mais invejosos que os homens”*), porque o ama e lhe tinha prometido torná-lo imortal (*“das cãs sempre livre”*). Concorda em ajudar Odisseu a fazer uma jangada e lhe fornece alimentos, água e utensílios dizendo: *“Eqüitativa é minha alma e à justiça inclinada; no peito não se me aninha um espírito férreo, senão compassivo”*.

> *“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,*
> *é, então, verdade que queres voltar para a pátria querida,*
> *sem mais delongas? Pois parte feliz, apesar do que sinto.*
> *Mas se pudesses saber o que o Fado te tem reservado*
> *de sofrimentos, primeiro que alcances a terra nativa,*
> *escolherias comigo ficar e guardar esta casa,*
> *como tornar-te imortal, apesar das saudades que sentes*
> *longe da esposa, por causa de quem de contínuo suspiras.”* (pág. 103)

Antes da partida do herói, dão-se *“aos deleites do amor e bem juntos um do outro se ficam”*. Odisseu abandona a ilha em sua jangada, depois de receber recomendações de Calipso. Dezessete dias depois, avista *“os montes escuros da terra onde os feácios moram”*, mas Posido, já de volta da visita aos Etíopes, o vê e levanta uma tempestade para o fustigar:

> *“ ‘Oh! Por sem dúvida os deuses por modo diverso acordaram*
> *sobre Odisseu, quando estive em visita entre as gentes Etíopes.*
> *Vejo-o bem de perto da terra Feácia, onde é força que escape*
> *Do laço extremo do Fado que sobre ele pesa sinistro.*
> *Penso, porém, que ainda posso causar-lhe outra série de males.’*
> *(...)*
> *Disse, no ponto em que uma onda mui grande se lança, de cima,*
> *terrivelmente, contra ele, abalando-lhe os paus da jangada,*
> *para atirá-lo bem longe, obrigando-o a soltar, desse modo,*
> *das mãos o leme. Partiu-se-lhe o mastro no meio, forçado*
> *por turbilhão tempestuoso de ventos num vórtice unidos.”* (pág. 106)

A ninfa Ino avista-o no meio da tempestade e emerge em seu socorro, dando-lhe para proteção um véu que ele deveria necessariamente devolver ao mar ao chegar à terra. Ino desaparece, *“pelas ondas escuras... logo escondida”*. Odisseu teme outra cilada, mas como Posido atira-lhe onda enorme e a jangada desconjunta-se, ele põe o véu. Atena intercede para que os ventos se acalmem e *“faz ela própria obstruir os caminhos de todos os ventos, tendo ordenado a eles todos que fossem dormir sossegados”*. Odisseu passou dois dias e duas noites à deriva, *“a ver muitas vezes a Morte ante os olhos”*, até escapar dos rochedos e atingir a terra, entrando pela foz de um rio. Cobrindo-se de folhas, deita-se na floresta e adormece sono profundo providenciado por Atena, após fazer as devidas preces ao espírito do rio.

"... Atena
deita-lhe sono nos olhos, porque libertado se visse,
com o cerrar-se das pálpebras, logo dos graves trabalhos." (pág. 111)

Canto VI

Odisseu chega à Feácia

"Atena aparece em sonho para Nausícaa, filha de Alcínoo, e manda-a ir lavar suas roupas no rio, pois seu casamento está próximo. Ela faz o que é pedido. Depois, ela brinca com suas servas. Odisseu ouvindo-as, acorda. Pedindo a Nausícaa, recebe alimento e vestimentas, seguindo-a, então, até a cidade".

Atena entra num sonho de Nausícaa, filha do Rei dos feácios, e diz-lhe para ir lavar a roupa no rio.

"Como, Nausícaa, tua mãe te gerou descuidada a tal ponto?
Sem nenhum trato abandonas, assim, teus vestidos brilhantes?
Próximo é o dia de teu casamento, em que é força te ornares
Com belas roupas...
(...)
Eia! Apressemo-nos logo a lavar, mal que a Aurora desponte.
Quero ir contigo ajudar-te, a fim que possas tudo depressa
Determinar, porque inupta não hás de ficar muito tempo." (pág. 114)

Quando Nausícaa acorda, dirige-se com as servas para os lavadouros do rio onde se *"encontravam as fontes perenes, com água bastante, bela de ver e capaz de branquear até a roupa mais suja"*. Atena induz Nausícaa e as servas a brincarem jogando bola. Odisseu é despertado pelos gritos da brincadeira. Questiona-se onde está e quebra *"um galho da espessa floresta, cheio de flores vivazes, a fim de esconder as vergonhas"*. O comandante aproxima-se seminu de Nausícaa, que não foge. Ele se ajoelha e a abraça: *"Os joelhos ora te abraço, senhora; és mortal ou divina?"*

"Ontem, após vinte dias, salvei-me do mar cor de vinho.
Todo esse tempo, trouxeram-me as ondas e as atrás procelas
desde a ilha Ogígia. Afinal, arrojou-me um demônio a estas plagas,
para sofrer, porventura, mais dores. Não creio que estejam
para acabar-se, que os deuses, por certo, outros males me aprestam.
Por isso tudo, senhora, te imploro piedade; primeiro
que a ninguém mais te suplico na angústia, porque não conheço
dos habitantes nenhum, que demoram por estas paragens.
Mostra onde fica a cidade e um pedaço de pano me cede
para cobrir-me, se acaso o trouxeste envolvendo a tua roupa." (pág. 118)

Nausícaa chama as servas que haviam fugido e elas oferecem-lhe manto, túnica e óleo para untar o corpo depois de se banhar sozinho no rio, porque ele se envergonhava de *"desnudar-se na frente de moças de tranças bem-feitas"*. Por obra de Atena, Odisseu ressurge do banho em toda *"a graça"*. Dão-lhe comida e bebida. Nausícaa aconselha-o a se dirigir sozinho ao palácio de seu pai (Alcínoo) e se atirar aos joelhos de sua mãe, suplicando-lhe ajuda: *"Caso te escute e em seu peito propícia se mostre à tua sorte, podes a esp'rança afagar de rever os amigos, e a casa bem construída voltar, assim como ao torrão de nascença"*. Se ele caísse nas boas graças de Arete é certo que regressaria a Ítaca, porque os feácios são ótimos construtores de barcos. No caminho do palácio passam por um bosque onde Odisseu dirige preces à deusa Atena, que não fica visível por medo de seu tio paterno, Posido.

"Ouve-me agora, ó donzela invencível, de Zeus proveniente!
Dá-me atenção, já que dantes embalde te envici meus gemidos,
quando me fez naufragar o deus forte, que sacode a terra.

Faze que os Feácios de mim se apiedem e amigos se mostrem." (pág. 122)

Canto VII

Entrada de Odisseu na casa de Alcínoo

"Atena se faz presente para Odisseu e mostra-lhe a casa de Alcínoo. Odisseu, se aproximando, se lança aos joelhos de Arete, e pede para ela enviá-lo de volta à sua pátria. Alcínoo concorda, o coloca ao seu lado e lhe oferece comida. Arete reconhece as roupas e lhe pergunta de onde as conseguiu. Odisseu então lhes conta os acontecimentos desde a ilha de Calipso, seu naufrágio, sua chegada e que, pedindo, recebeu de Nausícaa as roupas".

Protegido por *"névoa prodigiosa"* enviada por Atena, Odisseu dirige-se à cidade dos feácios. No caminho, encontra Atena disfarçada, que lhe dá as indicações do palácio e o acompanha. Odisseu vai envolto na nuvem providenciada por Atena para que os habitantes da Feácia não o vejam, já que são muito agressivos para com os estrangeiros.

> *"Hóspede amigo, chegamos à casa que, há pouco, pedias*
> *se te mostrasse. Num lauto festim hás de ver os regentes,*
> *de Zeus discípulos. Vai para dentro, não mostres receio*
> *Quem tem coragem consegue levar o bom termo as empresas*
> *Em que se mete, ainda mesmo que venha de terra estrangeira."* (pág. 125)

Odisseu, que andava há tanto tempo longe da civilização, fica maravilhado com as *"portas* (que) *com lâminas de ouro o palácio fechavam por dentro, com seus batentes de prata apoiados em brônzea soleira"*. Ele entra no palácio e lança-se aos pés de Arete: *"os circunstantes quedaram silentes, ao verem um homem dentro de casa; entreolharam-se todos"*. Odisseu suplica à Rainha que o ajude a voltar a Ítaca, depois senta-se humildemente na cinza e aguarda. Um velho, Equeneu, toma a palavra e intercede pelo estrangeiro, que é chamado para junto dos convivas, tomando o lugar do próprio príncipe Laodamante. Oferecem-lhe comida e estadia. Os convivas vão deitar e, só com o casal real, mas sem lhes revelar a identidade, Odisseu conta-lhes sua trajetória da Ogígia até as praias da Feácia e como obteve as roupas que usava. O rei Alcínoo promete-lhe tomar providências para devolvê-lo à sua pátria no dia seguinte, apesar de desejar tê-lo como genro, caso sua filha o escolhesse e os deuses o aprovassem.

Feliz, Odisseu rejubila-se com a promessa da volta: *"Possa, ó Zeus pai, realidade tornar-se isso tudo que Alcínoo me prometeu! Que na terra fecunda de trigo sua glória seja infinita, e que eu chegue a alcançar meu país de nascença"*.

Canto VIII

Recepção de Odisseu pelos Feácios

"Faz-se uma assembléia dos Feácios acerca do estrangeiro e um navio é preparado para enviar Odisseu. Os nobres Feácios jantam na casa de Alcínoo. Depois disso, os Feácios e Odisseu competem com o disco. Então, Demódoco canta primeiro acerca do Adultério de Ares e de Afrodite, depois acerca da entrada do Cavalo de Madeira. Odisseu chora. Alcínoo pergunta-lhe por que ele chora, quem ele é e de onde vem".

Alcínoo leva Odisseu até à ágora, onde, ainda sem saber quem o acompanha, propõe aos conselheiros ajudar o estrangeiro a voltar para sua casa.

> *"Ide, Feácios, que sois conselheiros e guias do povo,*
> *ide ao conselho, na praça, porque conheçais o estrangeiro,*
> *hóspede novo de Alcínoo prudente, depois de jogado*
> *no vasto mar, sem destino. Parece um dos deuses eternos."* (pág. 136)

Os feácios concordam e admiram a beleza de Odisseu. Seguem para um banquete no palácio. O aedo cego Demódoco é chamado. Depois da refeição, o vate canta episódios da guerra de Tróia. Odisseu, comovido, chora e cobre-se para disfarçar suas lágrimas.

> *"... Odisseu, entrementes,*
> *com as mãos fortes o manto de púrpura para a cabeça*
> *puxa, encobrindo-a com o fim de esconder as feições majestosas.*
> *Envergonhava-se, sim, de que o vissem chorar os Feácios.*
> *Sempre, porém, que o divino cantor a canção terminava,*
> *ei-lo que o rosto de novo descobre, enxugando-lhe as lágrimas,*
> *e a taça em punho, adornada com alças, aos deuses oferta."* (pág. 138)

Só Alcínoo repara no choro.

Saem todos para os jogos *"para que possa o nosso hóspede, quando entre os seus encontrar-se, de volta à pátria, contar como em todos os jogos primamos..."* Na prova de corrida, Clitonéo destaca-se. Na luta, Euríalo. *"Salta mais longe que todos os outros rapazes Anfíalo; mas Elatreu vence a todos, com longe jogar o seu disco"*. O príncipe Laodamante questiona se Odisseu saberia algum jogo. Euríalo também o desafia com arrogância. Odisseu argumenta que não quer jogar, que está cansado, e que a única coisa que o preocupa é voltar para casa. Euríalo provoca-o agressivamente, sugerindo que ele não passa de um corsário dos mares: *"De fato, não tens aparência de atleta"*. Odisseu fica irritado e responde:

> *" 'Não te expressaste com senso; assemelhaste a homem protervo.*
> *Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens*
> *Dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou eloqüência.'*
> *(....)*
> *'Eis que fizeste abalar-me no peito com teus ditos fúteis*
> *o coração; inexperto não sou, como inculcas maligno,*
> *em nenhum jogo. Ufanava-me, é certo, de ser dos primeiros,*
> *quando confiava no viço da idade e na força do braço.*
> *Hoje, os trabalhos e as dores me abatem, que muito hei sofrido,*
> *tanto nas lutas dos homens, bem como nas ondas penosas.*
> *Seja, porém! Apesar do sofrer que refiro, desejo*
> *exp'rimentar-me; tua fala mordaz conseguiu decidir-me.' "* (págs. 140-141)

Odisseu atira um disco mais longe do que qualquer Feácio poderia fazer. Atena, disfarçada de homem, lê a marca. Odisseu insiste em que não recusa nenhuma prova ou competidor, exceto Laodamante, que é seu anfitrião.

> *" 'Vamos rapazes! Tão longe acertai, pois em breve pretendo*
> *com outro lanço alcançar esse ponto, ou, quiçá, outro adiante.*
> *Quanto aos demais exercícios, quem quer que se atreva a compita,*
> *venha medir-se comigo, já que me irritastes sobejo.*
> *No pugilato, ou na luta, ou nos pés, a nenhum me recuso;*
> *Lanço o meu repto a qualquer, excetuando o viril Laodamante.*
> *Hóspede sou em sua casa; quem quer com o amigo medir-se?"* (pág. 141)

Odisseu completa, afirmando que só receia a prova de corrida, porque está alquebrado pelas desventuras e trabalhos no mar das *"ondas infindas"*. Apaziguador, Alcínoo diz que as palavras de Odisseu são sábias e que os feácios não são perfeitos no pugilato nem na luta, mas são excelentes marinheiros, corredores, dançarinos e excelentes cantores. Chama novamente Demódoco e mostram a Odisseu as artes do canto. Cantam o episódio picaresco da traição de Afrodite a seu marido Hefesto com Ares (Marte). Álio e Laodamante dançam extraordinariamente. Odisseu encantado afirma que, nas artes da dança, não há

ninguém como os feácios: *"O rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo! Vangloriaste-te certo, de serdes na dança os mais hábeis. Eis que o provaste sobejo; pasmado contemplo isso tudo."*

Alcínoo manda Euríalo pedir desculpas a Odisseu pelas provocações durante os jogos. Euríalo com humildade oferece-lhe uma espada *"toda de bronze, com punho de prata e com bainha de puro marfim"*. Enquanto o senhor de Ítaca se banha, Alcínoo providencia uma arca com presentes para Odisseu. As servas lavam Odisseu e untam-no com óleo. No caminho para o banquete, Nausícaa e Odisseu encontram-se e fitam-se nos olhos. Ela o saúda: *"Salve, estrangeiro! Se te vires de novo na pátria querida, lembra-te sempre de mim, a quem deves primeiro a hospedagem"*.

No banquete, Odisseu oferece um pedaço de carne nobre ao aedo Demódoco e elogia-lhe o talento. O vate, lisonjeado e inspirado, canta o episódio do cavalo de Tróia. Odisseu chora novamente.

> *"... Odisseu, entrementes,*
> *liquefazia-se em lágrimas, tendo banhadas as faces,*
> *como mulher abraçada no corpo do caro marido*
> *que sucumbisse a lutar junto aos muros e seus moradores,*
> *a defendê-la e a seus filhos da sorte do dia impiedoso."* (pág. 150)

Outra vez só Alcínoo vê as lágrimas de Odisseu. Intrigado, interrompe a recitação e o desafia publicamente:

> *"Vamos! Agora nos fala e responde conforme a verdade.*
> *Aonde atirado tu foste e a que terras, vagando, chegaste,*
> *Seus habitantes, e assim as cidades de boas moradas,*
> *Como, também, se eram broncos selvagens e às leis sempre infensos,*
> *Ou, porventura, se amigos de estranhos e aos deuses submissos.*
> *Conta, também, o motivo de tanto afligir-te o imo peito*
> *Ao escutares desgraças de Tróia, dos Dânaos e Argivos."* (pág. 152)

Canto IX

O RELATO DE ODISSEU

Cíconos, Lotófagos e o Ciclope

"Este canto contém o início do grande relato: como zarpou Odisseu de Ítaca primeiro chegando à terra dos Cíconos, e pilharam a cidade, junto ao mar, chamada Ismaro. Passaram então por Maleia, extremidade da Lacônia, onde um forte vento levou-os para além de um grande pélago e chegam à terra dos Lotófagos. Depois chegam ao Ciclope. A grande parte da tropa permanece junto à Ilha... mas o Ciclope que foi cego, Polifemo, come seis dos doze que o acompanharam".

Odisseu diz a Alcínoo que tem muitas aventuras para contar: *"Qual há de ser o primeiro, qual o último que hei de contar-se dos sofrimentos, se tantos os deuses celestes me deram?"*:

> *"Sou de Laertes o filho, Odisseu, conhecido entre os homens*
> *por toda a sorte de astúcias; bater foi no céu minha glória.*
> *Ítaca, ao longe visível, é minha morada, onde o monte*
> *Nérito, se alça imponente, coroado de frondes; em torno,*
> *Ilhas em número grande se encontram, bem perto umas de outras,*
> *Samo não só, mas Dulíquio, também, e a selvosa Zacinto."* (pág. 154)

Odisseu começa o relato do momento em que partiu de Tróia com doze navios e chegou à Trácia, na terra dos cíconos, povo aliado ao reino de Príamo e inimigos dos aqueus. Odisseu e os seus saquearam a

cidade de Ismaro, mataram os homens e apoderaram-se das mulheres e das riquezas. Odisseu aconselhou os seus a se retirarem rapidamente, *“mas os estultos não me obedeceram”* e ficaram bebendo vinho e degolando bois em abundância. Os cíconos, neste meio tempo, foram chamar reforços, que chegaram *“abundantes quais folhas e flores da primavera”* e contra-atacaram, rechaçando os aqueus. De cada nau morreram seis dos de Odisseu. Os remanescentes fugiram e deixaram os companheiros mortos na praia.

Depois de nove dias de viagem chegam à terra dos lotófagos, literalmente os comedores de lótus, planta que faz perder a memória e o desejo de voltar ao lar.

> *“Quem quer que viesse a provar uma vez desse fruto gostoso*
> *nunca a resposta haveria trazer, bem de novo empegar-se;*
> *desejaria, isso sim, morar sempre com os homens lotófagos,*
> *a comer loto somente, esquecido, de vez, do retorno.”* (pág. 156)

Odisseu embarcou seus companheiros à força e atou-os sob os bancos de remo.

A flotilha chega, em seguida, à ilha dos ciclopes, homens gigantescos, pastores de ovelhas e *“destituídos de leis”*. Odisseu, movido pela curiosidade, quer ver e falar com um ciclope e desce à praia com comitiva dos doze homens *“mais corajosos”*.

> *“Vós, companheiros queridos de viagem, ficai aqui todos,*
> *que eu, no navio em que vim, juntamente com meus companheiros,*
> *vou ver se obtenho notícias da gente que mora ali perto,*
> *se, porventura, selvagens violentos, que leis desconheçam,*
> *se de outras terras e amigos, e afeitos ao culto dos deuses”*. (pág. 158)

Em terra, Odisseu mete-se numa gruta com seus doze companheiros, trazendo consigo o extraordinário vinho cedido por (Is)maro, em troca de poupar sua família. Como ali não há ninguém, os companheiros aconselham-no a irem-se embora depois de roubarem uns queijos ali pendurados, mas Odisseu está obcecado em falar com o dono da gruta. O grupo come os queijos enquanto espera a volta do gigante. Ao entardecer, o ciclope Polifemo volta com o rebanho, que entra pela gruta. Polifemo fecha a entrada com *”descomunal pedra (que) agarra e levanta, deitando-a na entrada, para da porta se servir, que do solo incapazes seriam de remover vinte e dois carros sólidos de quatro rodas”*. O gigante de um olho só descobre os intrusos. Odisseu dirige-lhe súplicas, em nome dos deuses, mas Polifemo responde que não teme os deuses e quer saber onde estão fundeados os navios gregos. Odisseu engana-o, dizendo-os náufragos por obra de Posido. O gigante agarrou dois dos aqueus *“quais dois cachorrinhos”*, bateu-lhes com as cabeças no chão, comeu-os e foi dormir. Enquando Polifemo dorme, Odisseu pega na espada, mas recua, porque seus homens não conseguiriam sozinhos abrir a entrada da gruta. No dia seguinte, antes de sair, o gigante come mais dois marinheiros.

Enquanto Polifemo estava fora com o rebanho, Odisseu e seus amigos levantam um tronco de oliveira ali deitado, afiam-lhe a ponta e endurecem-na no fogo. Polifemo volta à tarde e janta mais dois aqueus. Odisseu oferece-lhe o vinho extraordinário que havia trazido das naus. Polifemo, já embriagado, pergunta-lhe o nome e Odisseu responde que é *"Ninguém"*. Polifemo agradece-lhe o vinho e diz-lhe que, em retribuição, Odisseu será o último a ser comido. Toldado pelo vinho, o gigante adormece e ronca grotescamente (*“da goela saía-lhe vinho e pedaços de carne humana”)* e Odisseu e os seus camaradas espetam-lhe a grande lança no olho. O ciclope acorda aos urros e arranca o tronco. Outros ciclopes, fora da caverna, perguntam-lhe o que lhe acontecera. Ele responde que havia sido cegado. Os ciclopes perguntam: *“Por quem?”* Polifemo responde: Por *"Ninguém"*. O gigante retira a pedra e senta na entrada da gruta, com as mãos estendidas para impedir a passagem seja de ovelha, seja de homem. No dia seguinte,

os aqueus e Odisseu penduram-se por baixo das ovelhas, de modo que Polifemo cego, que agarra nas ovelhas uma a uma para as pôr para fora, e que as tateia por cima, não percebe o estratagema. Fogem assim Odisseu e os sobreviventes para as naus ancoradas. Depois de levantarem ferro, Odisseu, a alguma distância da costa, grita desaforos a Polifemo:

> *“Não deverias, ó Ciclope, ter comido de um fraco*
> *os companheiros na côncava gruta, abusando da força.*
> *Teus atos ímpios, ó monstro! Haveriam de um dia voltar-se*
> *contra ti mesmo, por teres o arrojo de em casa teus hóspedes -*
> *monstro! – comer. Zeus, assim te castiga, por isso, e os mais deuses.”* (pág. 167)
> *(...)*
> *“Ouve, Ciclope! Se um dia, qualquer dos mortais inquirir-te*
> *sobre a razão vergonhosa de estares com o olho vazado,*
> *dize ter sido o potente Odisseu, eversor de cidades,*
> *que de Laertes é filho e que em Ítaca tem morada.”* (pág. 168)

Polifemo atira-lhes grandes pedras que quase acertam os navios e relembra que um velho adivinho, Télemo, havia predito que nas mãos de Odisseu ele iria perder a visão, mas não imaginava que *“Ninguém”* fosse Odisseu.

> *“Mas sempre fui de pensar que indivíduo de bela estatura*
> *fora o que viesse aqui ter, revestido de força gigante;*
> *e eis que da vista me priva um sujeito pequeno e sem força,*
> *um coisa-alguma, depois de me haver pelo vinho domado.”* (pág. 168)

Impotente e vingativo, o gigante implora a seu pai, Posido, que impeça Odisseu de voltar a Ítaca, ou pelo menos que o faça com dificuldades.

> *“Mas se é do Fado que deva rever os amigos, e a casa*
> *bem construída voltar, assim como ao torrão de nascença,*
> *que, miserável, o faça e mui tarde, perdidos os sócios,*
> *em um navio estrangeiro, e aflições vá encontrar no palácio.”* (pág. 169)

Canto X

Acerca de Éolo, os Lestrigões e Circe

“Odisseu narra sobre Éolo, o guardião dos ventos. Este o presenteia com os ventos dentro de uma sacola de couro (menos Zéfiro que os ajuda a navegar). Quando Odisseu dorme, os companheiros abrem a sacola (julgando que era ouro) e eles retornam para Éolo; sobre como chegam para os Lestrigões e onze navios perdem. Também, tudo o que sofrem na casa de Circe: os seus companheiros transformados em porcos e feitos novamente homens. Odisseu escapa dela com a erva molu que Hermes lhe dá, mas permanecem lá por um ano”.

Ulisses e sua tripulação chegam ao palácio de Éolo[3], que fica numa ilha móvel. Após um mês de hospedagem, Éolo, que *“guarda ele era dos ventos, que Zeus poderoso o nomeara par acalmá-los, ou excitá-los, conforme entendesse”*, vendo em Odisseu homem de caráter elevado, dá-lhe saco contendo todos os ventos que os poderiam incomodar durante a sua viagem, com a condição de nunca o abrir. No entanto, com Ítaca quase à vista, (*“se viam da terra nativa em tão pequena distância, que os fogos mui bem distinguíamos”*) a curiosidade e cobiça dos companheiros aqueus foi maior e, enquanto Odisseu dormia, abriram o saco, libertando todos os maus ventos, o que provocou violenta tempestade, *“um turbilhão tempestuoso os levou para o ponto profundo, longe da pátria, chorando”* de volta a Éolo, agora mais

[3] Nota do resumidor: Éolo significa “aquele que muda”, por isso sua ilha muda de lugar no Mediterrâneo.

distanciado da pátria do que a primeira vez. Pedem ajuda novamente, mas Éolo temendo que os excursionistas estejam em desgraça junto aos deuses, os expulsa sumariamente.

" 'Como voltaste, Odisseu? Qual averso demônio te trouxe?
Não te reenviamos provido de jeito que, enfim, reencontrasses
A terra pátria, o teu lar e, assim, tudo o que te é mais querido?'
(....)
'Fora, depressa, desta ilha! O mais vil dos mortais és, decerto,
pois não me é lícito aqui receber nem enviar para a pátria
um indivíduo que os deuses beatos desta arte hostilizam.
Vai-te! Tua volta demonstra a que ponto és por eles odiado' " (págs. 173-174)

Sem ajuda de Éolo, o grupo volta ao mar e no sétimo dia chega à cidadela de Lamo, na Lestrigônia, onde é *"possível a um homem insone ganhar dois salários: um, por levar para o pasto seus bois; outro, as brancas ovelhas; tão perto estão, nessa altura, os caminhos do dia e da noite"*.

Para investigar quem ali morava, Odisseu despacha três companheiros que encontram na estrada corpulenta moça com um cântaro, filha do gigante rei Antífates, que descera à fonte para buscar água e lhes indica o caminho do palácio. Ao entrarem na mansão de Antífates depararam-se com uma mulher alta *"da altura de um monte"* que os enche de pavor. Chega o gigante, que imediatamente agarra um dos camaradas e o come. Os outros dois correm para o barco. O Rei dá o alarme na cidade e de todos os lados aparecem gigantes que começam a jogar pedras nos barcos, fazendo-os em pedaços e recolhendo os marinheiros: *"Tais como a peixes os fisgam e ao triste banquete os conduzem"*. Odisseu rapidamente corta as amarras e seus companheiros remam, *"para ver se da Morte escapávamos"*. Com exceção do barco de Odisseu, todos são afundados e sua tripulação comida. A sociedade remanescente prossegue com o coração pesaroso, mas contente de escapar à morte.

A nau remanescente chega à Ilha de Eéia, onde vive "Circe", de ricas tranças, deusa terrível, *"canora e terrível deidade"* onde, relata Odisseu, *"tendo ali saltado, ficamos dois dias e noites seguidas, com o peito opresso não só por fadigas, também pelas dores"*. No terceiro dia, Odisseu, com sua lança e sua espada, sobe até o monte mais próximo e de lá avista um solar no meio de um bosque. No caminho de volta ao barco, abate um cervo. Os homens ficam muito alegres com a caça e fazem festim na praia. Odisseu os incentiva:

"Caros, enquanto não vier o momento fatal, para a casa
de Hades jamais baixaremos, pesar dos trabalhos e dores.
Eia! Que enquanto tivermos a bordo comida e bebida,
Só de comer nos lembremos, sem sermos de fome vencidos." (págs 176-177)

Odisseu só lhes contou o que vira no dia seguinte, mas os homens não ficaram animados com a idéia de explorar a ilha, pois ainda tinham muito presentes os infortúnios por que haviam recém-passado. Odisseu cria dois grupos, um liderado por ele e o outro pelo denodado Euríloco. Tirada a sorte, Euríloco parte a frente de vinte e dois homens tementes que lhes acontecesse o mesmo que com os outros companheiros. Numa clareira acham o solar de Circe, construído de pedras polidas e rodeado de lobos e leões, por ela enfeitiçados e mansos. De dentro da casa vem o canto de Circe, que tecia uma grande trama, *"como as deusas fina e graciosa costumam fazer, de brilhante textura"*. O primeiro a lhe falar é Polites, o mais caro e precioso dos companheiros de Odisseu, que ela convida a entrar. Seguem-no todos, menos Euríloco, que suspeita. Circe serve-lhes comidas com drogas e os transforma em porcos, que são tangidos por Circe para um chiqueiro, onde ela lhes dá lavagem para comer.

Tinham de porcos, realmente, a cabeça, o grunhido, a figura
E as cerdas grossas; mas ainda a consciência anterior conservavam.
Dessa maneira os prendeu, apesar dos lamentos, lançando-lhes

Circe bolotas, azinhas e frutos que dá o pilriteiro,
Para comerem, quais porcos que soem no chão rebolcar-se." (pág. 178)

Euríloco volta correndo para o barco e relata nervosamente os acontecimentos, insistindo para que fossem logo embora, pois não poderiam trazer de volta os companheiros. Odisseu diz que os iria resgatar, *"porque força incontida* (o) *obriga"*. No caminho do solar de Circe, Odisseu é abordado por Hermes que, no disfarce de um jovem, o adverte de que Circe lhe daria comida com uma droga e que, quando Circe fosse tangê-lo com sua longa vara, deveria sacar o gládio aguçado e fazer como se fosse atacá-la. Amedrontada, Circe iria convidá-lo a se deitar com ela.

"De forma alguma te negues subir para o leito da deusa,
para que os sócios te queira livrar e tratar-te benigna.
O juramento dos deuses, porém, exigir deves dela,
de que nenhuma outra insídia, de fato, planeja em teu dano;
não aconteça fazer-te vileza ao te ver desarmado." (pág. 180)

Dito isso o deus tirou do chão a erva *"móli"*, que somente os deuses conseguiam arrancar, e a entregou a Odisseu como antídoto à feitiçaria de Circe. Tendo tudo acontecido como previsto por Hermes, Odisseu acabou na cama de Circe e lhe pede que liberte seus companheiros da feitiçaria.

"Circe, haverá quem se julgue dotado de espírito justo,
e que se atreva, em verdade, a tocar em comida ou bebida
antes de os sócios haver libertado e de os ter sob os olhos?
Mas se desejas com boa vontade que eu coma e assim beba,
Os companheiros queridos liberta e mos põe ante a vista." (págs. 182-183)

Os companheiros de Odisseu voltam à forma humana, *"mas de conspecto mais jovem, com mais bonita aparência e estatura maior de ser vista"* e ali ficam longa temporada. No entanto, após um ano, comendo e bebendo bem, os companheiros se reúnem e dizem a Odisseu que está na hora de irem para casa. Odisseu vai falar com Circe, que o manda consultar o vidente Tirésias no Hades sobre o percurso de volta.

" 'Ó Circe, cumpre-me, agora, a promessa que há tempos fizeste
de me reenviar para casa, que o peito partir já me ordena.
Os companheiros, também, o desejam, que muito me afligem
com seus lamentos, à volta de mim, quando te achas ausente.'
Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:
'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
contra a vontade, por certo, não mais ficareis aqui em casa;
mas é preciso que empreendas, primeiro, outra viagem e que entres
a casa lúgubre de Hades e da pavorosa Perséfone,
para que possas consulta fazer ao tebano Tirésias,
cego adivinho, cuja alma os sentidos mantém ainda intactos.
A ele, somente, Perséfone deu conservar o intelecto
mesmo depois de ser morto; as mais almas esvoaçavam quais sombras." (págs. 185-186)

Circe orienta Odisseu sobre a localização do Hades, *"ao termo do Oceano de funda corrente,"* e sobre os procedimentos rituais para antes de adentrá-lo. Antes de partirem, o marinheiro Elpenor, *"nem mesmo dotado de todo o juízo"*, com a cabeça pesada de vinho, cai de um terraço e morre, *"baixando para o Hades o espírito"*. Na saída, Odisseu finalmente comunica aos seus companheiros seu verdadeiro destino:

"Imaginais, certamente, que a casa que à pátria querida
ides de volta; mas outro caminho ora Circe me ordena,
à casa lúgubre de Hades e da pavorosa Perséfone,
para que possa consulta fazer ao tebano Tirésias." (pág. 188)

Canto XI

Consultando os Mortos

"Odisseu narra como, pelo conselho de Circe, descem para o Hades. Ouve do adivinho Tirésias o modo de salvar a si próprio e aos companheiros. Ele vê no Hades heróis e heroínas, a própria mãe, alguns da campanha de Tróia e também alguns criminosos".

Depois de um vento favorável providenciado por Circe, a nau de Odisseu chega ao país dos cimérios, onde está a entrada do tenebroso Hades. Depois das libações e das oferendas aos deuses e preces aos mortos, tudo conforme Circe havia ensinado, Odisseu dirige-se para a entrada do Inferno onde iria consultar Tirésias. Seus companheiros ficam na superfície fazendo rituais para acalmar os mortos. Odisseu logo de cara encontra seu companheiro Elpenor, recém-falecido no palácio de Circe, e ainda não *"inumado na terra de largos caminhos"*.

> *"Como vieste, Elpenor, ter às trevas espessas de baixo?*
> *A pé chegaste primeiro do que eu em navio ligeiro."* (pág. 191)

Elpenor culpa um demônio pelo acidente e suplica que Odisseu sepulte o seu corpo na volta.

> *"Pelos ausentes te peço, por quantos na pátria ficaram,*
> *por tua esposa e teu pai, que te criou, de pequeno, cuidadoso*
> *e por Telêmaco, o filho dileto, que em casa deixaste:*
> *na ilha de Eéia, hás de a nave bem-feita aproar novamente.*
> *Peço-te, ó chefe, te lembres de mim quando ali tu chegares.*
> *Sem sepultura e sem prantos não deixes ficar o meu corpo*
> *quando partires, que a cólera, então, chamarás dos eternos."* (pág. 191)

Odisseu vê a sua defunta mãe Anticléia, comove-se ante a sua visão, mas procura Tirésias antes de falar com ela. O vidente *"bebe sangue"* e profetiza:

> *"Andas em busca do doce regresso, Odisseu preclaríssimo,*
> *mas há de um deus agravar-te o retorno; não creio que escapes*
> *do que sacode os pilares da terra, pois sempre irritado*
> *contra ti se acha, por teres o filho querido cegado.*
> *Mas, apesar dos trabalhos, à pátria hás de ir ter estremada,*
> *se conseguires refrear a cobiça e a dos teus companheiros,*
> *quando chegar teu navio, de sólida e bela feitura,*
> *à ilha Trinácia, fugindo da sanha das ondas violentas,*
> *onde hás de ver nas pastagens as vacas e pingues ovelhas*
> *de Hélio que tudo discerne e que todas as coisas escuta.*
> *Se nenhum mal lhes fizerdes, cuidando somente da volta,*
> *posto que muitos trabalhos tenhais, ainda haveis de ver Ítaca;*
> *mas se as lesardes, então, desde já te anuncio a ruína*
> *dos companheiros, bem como da nave; conquanto te salves,*
> *há de voltar muito tarde, com perda de vários sócios,*
> *em nave estranha, indo em casa encontrar infinitos trabalhos,*
> *homens de grande soberba, que todos os bens te devoram,*
> *e que tua esposa divina pretendem ganhar com presentes.*
> *Mas, lá chegado, sem dúvida a todos darás o castigo.*
> *Quando, porém, no interior do palácio tiveres matado*
> *os pretendentes, com bronze afiado, ou de frente ou por dolo,*
> *põe-te de novo a caminho, com um remo de fácil manejo,*
> *té te encontrares no meio de seres que o mar nunca viram,*
> *que por costume não tenham com sal temperar a comida*

e desconheçam navios dotados de proas vermelhas,
bem como remos de fácil manejo, que às naus servem de asas.
Dar-te-ei um bem visível sinal que não deves deixar passar
logo que outro homem no mesmo caminho que o teu encontrares,
e te disser que uma pá de espalhar grãos de trigo carregas,
crava, então, nesse lugar o teu remo de fácil manejo,
e sacrifícios esplêndidos logo oferece a Posido,
primeiramente um carneiro, depois um novilho e um cachaço.
Volta, depois, para casa e oferece hecatombes sagradas
Às divindades eternas, que moram no céu espaçoso,
A todas elas, por ordem. Distante do mar há de a Morte
Te surpreender por maneira mui doce e suave, ao te vires
Enfraquecido em velhice opulenta e deixares um povo
Completamente feliz. Eis que toda a verdade te disse." (págs. 192-193)

Isto dito, Tirésias retira-se para os fundos do reino dos mortos.

Odisseu aproxima-se de sua mãe que, sentada, *"não diz coisa alguma nem tem coragem de olhar para o filho"*. Finalmente Anticléia fala com ele: *"Como vieste, meu filho, até as trevas espessas de baixo, ainda com vida?"* Odisseu diz-lhe que foi necessário vir ao Hades para consultar Tirésias e que ele ainda não havia voltado a Ítaca. Anticléia diz-lhe que Penélope continuava fiel no seu coração e que o pai ainda vivia, mas muito desanimado, e que ela *"a saudade, como a ternura que a mim dedicavas, tiraram-me a vida."* Odisseu tenta abraçar três vezes a mãe, mas três vezes abraça apenas uma *"sombra fugace"*, *"pois os tendões de prender já deixaram as carnes e os ossos"*.

Odisseu avista várias princesas enviadas por Perséfone, entre elas Jocasta (Epicasta), a mãe de Édipo. Vê também Tiro, Antíopa, Alcmena, Clóride, Leda, Ifimédia, Fedra, Prócris, Ariadna, Mégara, Climena, Erifila e Mera.

(Neste momento, na Feácia, o relato de Odisseu é interrompido pelo rei Alcínoo que quer saber de Odisseu se encontrou no Hades outros ilustres da campanha de Tróia.)

"Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade,
se viste, acaso, qualquer dos excelsos amigos, que outrora
a Ílio viajaram contigo, onde acerbo destino encontraram?
Muito comprida é a noite hoje, infinita; ainda é cedo, por certo,
Para dormir no palácio. Ora os feitos nos conta admiráveis.
Consentiria em ficar até vir-nos a aurora divina,
Se suportasses, aqui no salão, teus trabalhos contar-nos." (pág. 200)

Odisseu relata então que Agamémnone, logo após a saída das mulheres, veio contar-lhe como havia morrido: *"Minha morte e o destino fatal por Egisto me vieram. Com minha esposa funesta matou-me, depois de chamar-me para um banquete em sua casa, qual boi que se abate no talho!"* Conta que Cassandra, filha de Príamo e seu troféu de guerra, havia sido morta com ele. Aconselha Odisseu a *"não confiar nas mulheres"*. Ao grupo juntam-se os heróis Aquiles, Pátroclo, Antíloco e Ájax Telamônio. Aquiles o interpela:

"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
que nova empresa, infeliz, mais ousada que as outras concebes?
Como até o Hades ousaste baixar, onde os mortos se encontram,
De consciências privados, quais vão simulacros dos homens?" (pág. 203)

Odisseu dá ao Pelinda notícias de seu filho Neoptólemo. Avista ainda Minos, Orião, Tício, Tântalo, Sísifo e Héracles. Os mortos começam a acumular-se em volta de Odisseu *“com tal tumulto, que o pálido Medo* (dele) *se apodera”*. Já tendo consultado Tirésias e ameaçado por Perséfone de ser petrificado pela Górgona, Odisseu retira-se para a superfície e, com os companheiros, levanta ferros para voltar à ilha de Eéia.

Canto XII

As Sereias, Cila, Caribde e Os Bois de Hélio

“Odisseu relata como ocorre o retorno desde o Hades até a Ilha de Circe. Também como eles navegam pelas Sereias, pelas Pedras Planctas, por Cila e Caribde. Conta também, da perda do próprio navio e dos amigos depois do roubo dos Bois de Hélio; e como sozinho sobre uma balsa chega à ilha de Calipso”.

De volta à ilha de Circe, Odisseu manda seus companheiros recuperar o corpo de Elpenor e o cremar numa fogueira. Circe traz-lhes carnes e vinhos em abundância e dá-lhes instruções para a viagem, advertindo-o dos perigos à frente. Como Odisseu se dispõe a pegar em armas, ela insiste em que ele não seja ingênuo, porque se tratam de deuses e não de homens.

> *“Ó temerário! Ainda aqui fantasias feitos guerreiros*
> *e outros trabalhos? Não queres ceder nem aos deuses eternos?”* (pág. 213)

Odisseu e os seus retomam viagem. À sua frente, as sereias, Cila, o monstro de seis cabeças de cão e a deusa-redemoinho Caribde.

Chegando primeiramente aos rochedos das sereias, Odisseu *"dos mil ardis"* quer ouvir seu canto divino, mas este faz os mortais enlouquecerem e atirarem-se para a morte nas águas e nos rochedos. Odisseu põe cera nos ouvidos dos companheiros para que não ouçam o canto e pede que o amarrem ao mastro e que, por mais que ele suplique, não o desamarrem. Assim, incapaz de pular na água, o inteligente Odisseu conseguiu ser o único ser humano a ouvir o canto das sereias e ficar vivo para contar.

Mal os excursionistas haviam deixado a ilha das sereias, foram atingidos por grandes ondas sob espesso nevoeiro, no estreito dominado por Cila de um lado e Caribde do outro, criaturas divinas *“contra quem era inútil vestir as armas”*.

> *“Cheios de angústia, portanto, iniciamos a estreita passagem,*
> *por termos Cila de um lado e Caribde divina do oposto,*
> *que a água salgada do mar por maneira terrível chupava.*
> *Ao expeli-la, era como caldeira nas chamas vivazes,*
> *a revolvê-la com grande barulho. Para o alto era a espuma*
> *dos dois escolhos jogada, voltando a cair sobre os picos,*
> *porque, quando a água salgada do mar deste modo absorvia,*
> *aparecia ela toda por dentro revolta; à sua volta*
> *a pedra soava terrível e o fundo anegrado se via*
> *da cor da areia. Apodera-se o medo de todos os sócios.*
> *Enquanto o olhar para ali dirigíamos, cheios de espanto,*
> *Seis companheiros do fundo da côncava nave arrancou-me*
> *Cila, entre todos os mais distinguidos em força e no braço.”* (pág. 216)

Os seis companheiros arrebatados foram comidos pelas seis cabeças de Cila nos rochedos, segundo Odisseu, *“o quadro mais triste de todos os que viram meus olhos, em quanto tenho sofrido a explorar as estradas marinhas”*.

Ultrapassados os *"imanos rochedos de Cila e Caribde"*, Odisseu e os companheiros remanescentes, agora muito poucos, deram na ilha de Hiperônio onde *"vacas de fronte espaçosa, belíssimas, nela se viam"*. Lembrando-se tanto das profecias de Tirésias como das recomendações de Circe, Odisseu adverte a todos:

> *"Ora me ouvi, companheiros, pesar dos trabalhos sofridos.*
> *Vou revelar-vos orác'los do sábio adivinho Tirésias*
> *E Circe Eéia, quando ambos disseram com muita insistência*
> *porque evitássemos a ilha do deus que dos homens é amigo.*
> *A mais terrível desgraça disseram que aqui nos aguarda;*
> *Urge, por isso, afastar dela a nave de casco anegrado."* (pág. 217)

A marinhada, faminta e cansada, não o ouve e decide baixar à praia para matar a fome. Odisseu adverte-os mais uma vez a poupar as vacas.

> *"Caros amigos! Na nave ainda temos comida e bebida;*
> *cumpre pouparmos as vacas, não vá suceder-nos desgraça.*
> *De divindade terrível são todas, e as nédias ovelhas,*
> *De Hélio, que tudo discerne e que todas as coisas escuta."* (pág. 218)

Euríloco, desta vez imprudente, convence os colegas a ir em frente com o churrasco das vacas divinas e compensar a ofensa mais tarde erguendo em Ítaca um templo ao Sol Hiperônio. Iludidos, os homens de Odisseu *"degolaram as reses e os couros tiraram"* e durante seis dias *"se banquetearam com as vacas do Sol, escolhendo as melhores"*. Como vingança, depois da partida, Zeus manda violenta tempestade e todos, menos Odisseu, são da nau lançados e *"tal como gralhas marinhas à volta do casco anegrado eram levados nas ondas"*. Odisseu, agora sozinho, sobre os destroços, navega à deriva até dar na ilha de Calipso.

> *"Por nove dias vaguei; mas, na noite do décimo, os deuses*
> *à ilha de Ogígia me fazem chegar, onde mora Calipso*
> *de belas tranças, a deusa terrível. Amado por ela*
> *fui e tratado."* (pág. 222)

Canto XIII

PARTE IV: O RETORNO DE ODISSEU

A Chegada a Ítaca

"Os Feácios deixam Odisseu dormindo na terra de Ítaca junto com seus presentes. Por um lado, Posido transforma o navio deles em pedra, por outro Atena aconselha Odisseu perto da costa sobre a Morte dos pretendentes. Ela esconde as suas coisas em uma caverna e transforma Odisseu em um velho".

Terminada a narrativa, Odisseu se despede dos reis da Feácia dirigindo-se especialmente a Arete:

> *"Vive, ó rainha, feliz para sempre, até que venha a Morte,*
> *na mais extrema velhice, que a todos os homens atinge.*
> *Vou de retorno; tu, aqui, no palácio, prossegue contente*
> *Com o rei Alcínoo e teus filhos, bem como com todo teu povo."* (pág. 225)

Os feáceos deixam Odisseu em terra firme junto com todos os presentes que ganhara. Enquanto Odisseu dorme profundamente, a embarcação feácia retorna à pátria, despertando a ira de Posido que os castiga com aprovação de Zeus, transformando a nau dos feácios em pedra e cercando os muros da cidade com altas montanhas. Os feáceos, tomados de medo, prepararam touros para o sacrifício e de pé, em torno de um altar, oram a Posido, pedindo clemência.

Numa praia de Ítaca, Odisseu acorda sem saber onde está. Pergunta a Atena que, disfarçada de pastor, lhe diz que está em Ítaca. Desconfiado, inventa uma estória para esconder sua identidade, mas Atena assume a forma de uma bela mulher e o desmascara:

> *"Ó astucioso e matreiro incansável, nem mesmo na pátria*
> *resolverás pôr à margem, de vez, esta sorte de embustes*
> *e de artimanhas falazes, que tanto condizem com tua alma?"* (pág. 232)

Atena diz serem *"ambos na astúcia peritos"* e desenha um plano para Odisseu reaver seus bens e família. Combina de Odisseu esconder sua identidade e guardar os presentes na gruta onde orava às ninfas náiades, filhas de Zeus. Atena fecha a entrada da gruta com uma laje. Odisseu agradece por, até aquela altura, não ter tido o mesmo destino de Agamémnone. Cumprindo o plano, Atena o transforma em mendigo repugnante, para não ser reconhecido.

> *"Ora tenciono deixar-te dos homens irreconhecível,*
> *com te enrugar a epiderme macia nos membros flexíveis*
> *e da cabeça fazer que se extingam os louros cabelos.*
> *Roupa andrajosa dar-te-ei, que te faça hediondo aos olhares*
> *e alterarei de tal forma, turvando-os, teus olhos tão belos,*
> *que aos pretendentes reunidos pareças de aspecto mesquinho,*
> *bem como ao filho e à mulher, que, ao partires, em casa deixaste."* (pág. 235)

De acordo com o plano, Odisseu, incógnito, deve em primeiro lugar procurar Eumeu, o porqueiro que lhe é fiel, enquanto ela vai a Esparta buscar Telêmaco. Odisseu está preocupado com o destino do filho peregrino, mas ela o consola:

> *"Não seja causa ele, agora, de teres o espírito inquieto,*
> *pois companheira lhe fui, porque nome sem-par alcançasse*
> *com essa viagem. Trabalhos não sofre por lá, mas tranqüilo*
> *se acha na casa do Atrida, onde tem abundância de tudo."* (pág. 235)

Atena confirma que alguns pretendentes montaram tocaia para Telêmaco em Ítaca, mas o reconforta com suas providências.

Canto XIV

Odisseu chega à casa de Eumeu

"Odisseu recebe a hospitalidade no campo do seu porqueiro Eumeu. Ele lhe conta o muito que sofreu e anuncia o retorno de Odisseu".

Odisseu, vestido como mendigo, procura o porqueiro. Eumeu, que o recebe bem, dizendo *"menosprezar não costumo nenhum estrangeiro, ainda mesmo em pior estado que tu"*. Sem o reconhecer, faz referências elogiosas ao amo que partiu e hospeda o pobre visitante em seu casebre, enquanto tece considerações sobre a justiça dos homens e sobre os prejuízos que têm sido causados em Ítaca ao seu desaparecido amo.

Eumeu mata dois leitões para a ceia, polvilha a carne com farinha branca e a grelha em espetos, acompanhando, depois, a refeição com vinho doce: *"Come, estrangeiro, este magro leitão, alimento dos servos, que aos pretendentes estão reservados os porcos mais gordos"*. Ulisses pede que Eumeu lhe fale de seu amo pois, sendo ele muito viajado, talvez lhe possa dar alguma informação útil, mas Eumeu está convencido de que Odisseu morreu e desmerece o estrangeiro como mais um portador de notícias extravagantes:

"Velho, nenhum dos vagantes que vêm aqui ter com notícias,
pôde até agora a confiança alcançar da mulher e do filho.
Essas pessoas errantes, que vivem do auxílio dos outros,
Sabem somente mentir, jamais querem dizer a verdade,
Pois quantos a Ítaca tem conduzido o destino errabundo,
vão logo à nossa rainha e se põem a contar só mentiras." (pág. 241)

Odisseu insiste, dizendo-lhe, sob juramento, que o amo está vivo e que no decurso do mês, entre o quarto minguante e a lua nova, chegaria a Ítaca. Eumeu não acredita e diz estar realmente preocupado com Telêmaco, que havia partido para Pilos à procura do pai e que seria recebido com emboscada pelos pretendentes.

Eumeu pede ao viajante que lhe conte sua vida. Odisseu propõe que, tendo comida e vinho, poderia falar-lhe durante um ano e inicia relato fantasioso parafraseando suas verdadeiras aventuras e terminando por inventar que havia sido feito prisioneiro e que havia fugido quando a nau atracara em Ítaca.

O porqueiro comove-se com o relato (*"Ah, mísero hóspede, muito, em verdade, abalaste-me o peito, com teu relato de quanto sofreste e vagaste errabundo"*), mas insiste em que não acredita que Odisseu esteja vivo. O porqueiro cede sua cama a Odisseu e sai para ir dormir junto dos porcos. O Laertíade fica muito agradado com tudo o que ouviu de Eumeu, e *"alegrou-se por ver o zelo com que ele cuidava dos bens em sua ausência"*.

Canto XV

Telêmaco chega à casa de Eumeu

"Atena diz a Telêmaco por um sonho que lê deve retornar a Ítaca. Depois de receber os presentes de Menelau, parte. Estando prestes a embarcar, leva para o barco Teoclímeno, adivinho de Argos que foge por um assassinato. Eumeu conta para Odisseu como os Fenícios o levaram da ilha da Síria e venderam-no para Laertes. O navio de Telêmaco aporta em Ítaca. Ele o envia para a cidade e vai para a casa de Eumeu".

Atena, em sonho, recomenda a Telêmaco que regresse a Ítaca, porque sua mãe estava sendo crescentemente pressionada a casar e a pilhagem de sua fazenda continuava. A deusa ensina-o a evitar a emboscada dos pretendentes (*"passa ao largo; viaja somente de noite..."*) e o orienta, ao desembarcar em Ítaca, a visitar, em primeiro lugar, o porqueiro Eumeu, que se encarregaria de levar a notícia do seu regresso à mãe. Telêmaco recebe auxílio de Menelau para a viagem e presentes da bela Helena. Seguiu-se banquete com carne e vinho. Enquanto conversavam, uma águia "de garras possantes" voou do seu lado direito, o que significava bom presságio.

Enquanto Telêmaco retorna a Ítaca acompanhado de Teoclímeno, fugitivo, capaz de ler os sinais, que em Argos se associara a ele, no casebre do porqueiro jantam o forasteiro (Odisseu) e outros servos. Para testar Eumeu, o "forasteiro" pede para ir à cidade no dia seguinte e manifesta a intenção de visitar Penélope no palácio de Odisseu, onde proporia fazer os trabalhos em que era sabedor, tais como rachar lenha, trinchar a carne e servir os vinhos. Eumeu considera a idéia perigosa (*"Fazes empenho de andar ao encontro da própria ruína"*) e recomenda-lhe que aguarde a chegada do filho de Odisseu, que lhe daria *"vestes, um manto e uma túnica"*. O forasteiro pede que o porqueiro lhe fale dos pais de Odisseu e fica sabendo que Laertes estava vivo, mas muito deprimido pela morte da esposa *"que morreu lancinada de dor pela morte do filho"* e pela ausência de Telêmaco. Eumeu conta que é originário da ilha de Síria onde reinava o seu pai Ctésio. Quando criança aportara à sua ilha uma nau de fenícios, *"grandes velhacos"*, com quem a sua ama, também fenícia, se entendeu para o raptar. A ama morreu na viagem e ele chegou a Ítaca onde Laertes o comprou e criou com amabilidade. Odisseu comenta:

“Meu caro Eumeu, tua história, de fato, abalou-me por dentro,
a narrativa de todas as dores, que na alma sofreste.
Mas é inegável que ao lado de males um bem te fez Zeus,
com te trazer ao palácio de um homem de bons sentimentos,
pós tantas dores, o qual te deu sempre comida e bebida
com muito afeto. Uma vida bem boa aqui levas, ao passo
que eu aqui vim, só depois de vagar por cidades sem conta.” (pág. 267)

Telêmaco desembarca sozinho nas praias de Ítaca e orienta os companheiros para o porto, enquanto ele iria por terra visitar uns pastores. Um falcão segurando uma pomba com as garras voa do seu lado direito, no que o companheiro Teoclímaco vê bom augúrio. Telêmaco, em terra, calça belas sandálias e caminha veloz para a pocilga de Eumeu, conforme estabelecido pela deusa no seu sonho.

Canto XVI

Reconhecimento de Odisseu por Telêmaco

“Chegando à casa de Eumeu, Telêmaco o envia para avisar a sua mãe Penélope. Ele reconhece o pai pelo desejo de Atena e com aquele, trama um plano contra os pretendentes. Os navios de Telêmaco e da sua emboscada chegam a Ítaca. Os pretendentes de novo pensam em atacar Telêmaco, mas são dissuadidos por Anfínomo. Eumeu, tendo dado notícias de Telêmaco, retorna ao campo”.

Na chegada na casa de Eumeu, os cães fazem festa para Telêmaco. Odisseu acompanha o movimento com cautela e logo conclui que era seu filho que chegara. Telêmaco trata Eumeu por *“paizinho”* e recebe dele as notícias de Ítaca, incluindo a de que os pretendentes continuam em sua casa depredando a fazenda. Odisseu, disfarçado de miserável, acompanha discretamente a conversa do filho com o porqueiro.

Telêmaco pergunta de onde era o forasteiro e fica sabendo tratar-se de viajante sem rumo, vagando de cidade em cidade. Telêmaco recomenda a Eumeu que cuide do estrangeiro. Odisseu quer saber por que Telêmaco deixa que os pretendentes abusem de seus bens. Telêmaco diz que nada pode fazer, pois há muitos nobres da região que desejam ocupar o lugar de seu pai. Telêmaco, como Atena lhe aconselhara, pede ao porqueiro que avise Penélope de sua chegada. Laertes, triste e solitário desde a partida do neto, seria avisado também por uma criada. Eumeu sai para cumprir a missão.

Assim que o porqueiro sai, Atena transforma Odisseu em sua verdadeira aparência. Telêmaco, assustado, pensa tratar-se de um deus.

“ ‘Bem diferente, estrangeiro, do que eras me surges agora;
outros vestidos envergas; o aspecto do corpo é diverso.
És, certamente, algum deus e demoras no Olimpo vastíssimo.
Sê-nos propício, porque sacrifícios condignos recebas
e áureos presentes de fino lavor. De nós todos te apieda.’
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
‘Nenhum dos deuses eu sou; por que a um deus imortal me comparas?
Sou, sim, teu pai, por quem há suspirado, saudoso, já tanto
e tantas dores sofrido, agüentando a violência de estranhos.’
Isso disse ele, indo o filho beijar. Pelo rosto lhe escorrem
lágrimas para o chão duro, que tanto, até ali, represara.
Mas, sem poder convencer-se de que era, realmente, o pai dele,
Diz-lhe Telêmaco, então, em resposta, as seguintes palavras:
‘Não és meu pai Odisseu; és, sem dúvida alguma, um demônio,
que ora me ilude, porque me lastime e suspire sem pausa.
Nenhum dos homens mortais poderia fazer isso tudo

com seus recursos somente, sem ter algum deus ao seu lado,
que facilmente, a seu grado, o deixasse mais moço ou mais velho.
Tinhas, há pouco, a figura de um velho de roupas mesquinhas;
ora assemelhas-te aos deuses, que moram no Olimpo vastíssimo.' " (págs. 276-277)

Odisseu explica que Atena o ajuda (*"Essas mudanças que vês, são trabalhos de Atena guerreira, que me transforma ao seu livre alvedrio, pois tudo consegue"*) e quer saber quantos são os pretendentes para poder planejar a vingança. Como são mais de cem, Telêmaco teme que precisem de ajuda de Zeus e Palas na empreitada.

Odisseu conta-lhe o plano: Ele seria levado à cidade, disfarçado de velho mendigo, correndo todos os riscos. Telêmaco não deveria interferir mesmo que o maltratassem. Telêmaco reuniria as armas das paredes no solar e as levaria para trás do palácio. Se perguntado, daria a desculpa de que as armas estariam se degradando por causa da fumaça. Na casa só ficariam um par de adagas, um de lanças e um de escudos de couro. Ninguém deveria saber que Odisseu estava na ilha, pois ele iria por todos à prova, para saber quais eram fiéis à sua lembrança. Telêmaco teme que a idéia de Odisseu de testar um a um os habitantes de sua terra demore e que enquanto isso sua casa continue sendo alvo de depredação. Inseguro, insiste em contar com a ajuda dos deuses na execução do plano.

Os pretendentes continuam planejando a morte de Telêmaco. Antínoo, filho de Eupites, lidera o grupo que quer matá-lo, repartir seus bens e obrigar Penélope a escolher marido. Anfínomo lidera os que temem matar alguém de sangue nobre e preferem consultar o oráculo antes. Os pretendentes vão à casa de Odisseu, onde Penélope, como não era de costume, aparece e acusa Antínoo de planejar a morte de seu filho. Eurímaco interfere dizendo que ninguém tocaria em seu filho, embora ele próprio tenha pensado no assassinato.

Ao entardecer, com a volta de Eumeu à pocilga, Odisseu retoma a aparência de mendigo para não ser reconhecido.

Canto XVII

PARTE V: ODISSEU NO PALÁCIO

Na cidade

"Telêmaco vai para a cidade e conta para sua mãe, Penélope, um resumo de sua viagem. Depois Odisseu, conduzido por Eumeu, chega desde o campo para Ítaca onde os pretendentes estão bebendo. (...Melantios, um pastor, o encontra no caminho e insulta Odisseu que não reage. ...) O Poeta relata como o cão reconhece o seu senhor. Eumeu volta para o campo e Odisseu permanece na cidade".

Na manhã seguinte, executando o plano, Telêmaco retorna à sua casa para rever sua mãe, mas antes recomenda a Eumeu que levasse, mais tarde, o "forasteiro" para mendigar na cidade. Ao chegar ao palácio, Telêmaco encontra a ama Euricléia que o abraça e se emociona. Penélope vem comovida ao reencontro do filho e quer notícias da expedição a Pilos.

"Luz, doce luz, já voltaste, Telêmaco? Nunca pensara
que ainda haveria de ver-te, por teres a Pilo viajado,
contra meu gosto e às ocultas, em busca de novas paternas.
Ora me conta a verdade de tudo que acaso soubeste." (págs. 288-289)

Telêmaco recomenda à mãe que vista roupas limpas e prometa hecatombes a Zeus para a consumação de vingança que estaria próxima. Penélope acede. Telêmaco sai e pessoas do povo o cercam, querendo

revê-lo. Entre eles, os pretendentes, que fingem interesse. Telêmaco conta à mãe sua viagem, como havia sido recebido na casa de Nestor e na de Menelau, onde havia conhecido a bela Helena. Conta também que ouvira do Átrida que Odisseu estava prisioneiro na Ilha de Calipso e não conseguia voltar à Ítaca. Como ela está desesperançada, Teoclímeno, o estrangeiro que interpretava os sinais, lhe diz que conclui o mesmo pelo vôo de uma ave:

> *"Ó digna esposa do herói Odisseu, de Laertes nascido!*
> *Ele não sabe de tudo; ora presta atenção ao meu dito,*
> *que profecia farei verdadeira, sem nada ocultar-te.*
> *Que Zeus o saiba primeiro entre os deuses, e a mesa hospedeira*
> *bem como o lar de Odisseu impecável, em que ora penetro:*
> *digo que o herói já se encontra no solo da terra nativa,*
> *nele sentado ou vagueando, o observar estes atos iníquos*
> *e a cogitar no mais íntimo como vingar-se de todos."* (pág. 292)

Eumeu e Odisseu, a caminho da cidade, encontram Melântio, o infiel chefe dos pastores, levando cabras para o banquete dos pretendentes que, como todos os dias, aconteceria também naquela noite. Para surpresa de Odisseu, o pastor os despreza e ofende (*"vejam que coisa curiosa! Um vadio a puxar um como ele"*). Chama Odisseu de *"mendigo nojento"* e dá-lhe um *"grande coice"*. Odisseu não reage. Eumeu defende o mendigo e diz que queria muito que Odisseu voltasse para *"dispensar aquele orgulho insensato"*, mas Melântio faz pouco e ainda diz que ficaria feliz se Telêmaco também morresse.

Odisseu e Eumeu chegam na porta da casa de Penélope. O Laértida pede ao porqueiro que entre primeiro. Ao ver Odisseu, um cão que por ali se encontrava *"a cabeça e a orelhas levanta":* é Argos, que reconhece o dono. O animal, *"de carrapatos coberto",* está abandonado *"num monte de estrume"*, esperando a morte.

> *"Ao perceber Odisseu, que passava, entretanto, ao pé dele,*
> *a cauda agita de leve, abaixando também as orelhas,*
> *sem que possível lhe fosse avançar ao encontro do dono.*
> *Este uma lágrima logo enxugou, disfarçando a mirada,*
> *Para que Eumeu não o notasse..."* (pág. 296)

Eumeu lhe diz que o cão havia sido abandonado por servos que haviam perdido o sentido da obrigação: *"Zeus poderoso, de fato, retira a metade do mérito do homem, a quem chega o dia em que passa a viver como escravo"*. Argos, depois de ver o dono, expira.

Odisseu entra sozinho na sala do banquete, *"desfigurado num velho pedinte de mísero aspecto"*. Telêmaco, fingindo não saber quem é, manda Eumeu dar-lhe pão. Odisseu corre a sala pedindo esmolas. Melântio e Antínoo reclamam da presença do mendigo. Odisseu discursa contando aos pretendentes outra história fantasiosa que inventara sobre sua vida. Antínoo discute com Odisseu e o agride, sem que ele reaja:

> *"... Odisseu ficou firme, qual duro penhasco,*
> *sem que a pancada , que Antínoo lhe dera, o deixasse abalado.*
> *Mas, abaixando a cabeça, pensava sinistros desígnios."* (pág. 300)

Contida a raiva, Odisseu profetiza que Antínoo será *"pela morte atingido antes das núpcias"*.

Ao saber, nos seus aposentos, da agressão ao mendigo, Penélope diz que os pretendentes são malvados, mas é Antínoo *"que mais se assemelha ao Destino Sinistro*" e manda chamar o mendigo que não aceita, alegando estar com medo dos pretendentes, haja visto que Telêmaco não havia impedido a agressão de Antínoo. Promete, contudo, vê-la mais tarde *"té que o sol no horizonte se esconda"* e contar notícias de seu marido. Ao receber a negativa, Penélope exclama *"Não orna aos mendigos vergonha excessiva"*.

Canto XVIII

A luta entre Iro e Odisseu

“Ocorre a luta entre Iro e Odisseu e Penélope desce para junto dos pretendentes e reprova Telêmaco acerca do tratamento com o estrangeiro. Recebe, então, os presentes dos pretendentes. Odisseu coloca à prova as serventes”.

Iro, um glutão desocupado, *“sem brio nenhum”,* chega ao palácio e, para divertir os pretendentes, provoca Odisseu agressivamente, querendo expulsá-lo da festa. Os pretendentes incentivam a briga a título de diversão. Odisseu, com a estrutura corporal instantaneamente rejuvenescida por Palas Atena, aceita o desafio. *“Os pretendentes soberbos ficaram tomados de espanto... Vejam que coxas o velho deixou dos farrapos surgir!”* Iro agora está com medo, mas é empurrado para a briga pelos servos. Odisseu o surra e humilha, mas decide não o matar.

Anfínomo, um dos pretendentes, saúda o mendigo e lhe dá pães. Odisseu agradecido o recompensa com comentários e uma advertência que poderia salvar-lhe a vida:

> *“ ‘Entre as criaturas, que vivem da terra e no sol rastejam,*
> *nada se pode encontrar de mais mísero que os próprios homens,*
> *pois ninguém julga possível, jamais, que lhe venha a desgraça,*
> *enquanto os deuses favores concedem e as pernas lhes movem.*
> *Mas, quando os deuses beatos as tristes desgraças enviam,*
> *ainda que muito lhes custe, com ar de paciente as suportam.*
> *Vário é o feitio da mente dos homens que vivem na terra,*
> *tal como os dias, que o pai dos mortais e dos deuses lhes manda.*
> *Eu, também, tive por sorte viver, entre os homens, contente,*
> *mas pratiquei muitos atos injustos, pois era violento,*
> *muito confiado na força, no pai e nos manos queridos.*
> *Ante esse exemplo ninguém deve injusto ou impiedoso mostrar-se;*
> *goze calado os favores que os deuses beatos lhe deram.*
> *Os pretendentes, agora, aqui vejo mostrarem-se iníquos,*
> *a consumirem sem regra a fazenda, e insultando a consorte*
> *do homem que, julgo, não mais do país de nascença há de achar-se*
> *por muito tempo afastado. Está perto. Que um deus te acompanhe*
> *com segurança até casa, sem que te aconteça encontrá-lo,*
> *quando ele vier de regresso ao querido país de nascença,*
> *pois sem derrame de sangue não creio que seja a contenda*
> *dos pretendentes e dele, ao se ver sob o teto elevado.’ ”* (págs. 309-310)

Penélope, diferentemente de seu hábito, desce para mostrar-se aos pretendentes, decisão inspirada por Atena. Ao chegar, reprova o filho por não ter defendido o mendigo: *“Não mais tens firme, Telêmaco, o espírito dentro do peito”*. Antínoo aproveita a presença de Penélope e insiste em que ela há de aceitar os presentes dos pretendentes, porque eles não sairiam dali antes de vê-la casada com *“um dos Aqueus, o mais nobre”*. Todos trazem presentes riquíssimos.

Odisseu testa a fidelidade das criadas à Penélope. Uma delas, Melanto, que se tornara amante do pretendente Eurímaco, o trata mal e ameaça chamar *“alguém mais valente do que Iro”* para lhe *“amassar a cabeça”*. Odisseu reage: *“Vou já contar, cadelinha, a Telêmaco tudo o que acabas de me dizer, porque venha ele próprio a cortar-te em pedaços”*.

Eurímaco, com soberba, acusa o mendigo de *“viver na preguiça”* e lhe oferece arrogantemente “um empreginho” de serviçal. Odisseu lhe responde:

"Mas, és de todo arrogante e no peito tens ânimo duro.
Provavelmente, presumes ser algo elevado e potente,
por conviveres com poucos que são desprovidos de força.
Se retornasse Odisseu, novamente, ao país de nascença,
esta abertura da porta, apesar de tão larga ser ela,
ainda pequena seria, ao fugires daqui para fora." (pág. 316)

Começa uma nova briga que Telêmaco, com autoridade inédita e insuspeitada, interrompe, mandando todos dormir.

Canto XIX

Encontro de Penélope e Odisseu e a Lavagem dos Pés

"Com Telêmaco, Odisseu retira as armas. Diz à Penélope que é de Creta. A sua cicatriz é reconhecida por Euricléia quando esta lavava os seus pés. De passagem, o Poeta conta como no Parnaso, quando Odisseu caçava, foi ferido por um javali".

Agora sozinho com seu filho, Odisseu prossegue no plano, lembrando Telêmaco de esconder as armas de casa a pretexto de poli-las ou de impedir mais brigas, já que *"atrai aos guerreiros o ferro"*.

O mendigo vai encontrar Penélope, conforme combinado, para lhe dar notícias de Odisseu. No caminho, a criada Melanto o ofende de novo: *"Basta de comer, miserável; procura a saída, ou pela porta te jogo, atirando-te às costas esta acha"*. Penélope ouve a ameaça e repreende a serva, chamando-a de *"desavergonhada cadela"*.

Odisseu astutamente pede a Penélope que não o interrogue a respeito de seus pais, de sua pátria, para que *"não se renovem as dores que o peito oprimem"*. Ela diz que sente *"de Odisseu infinita saudade no peito"* e conta ao estrangeiro como tinha até então evitado com estratagemas o assédio dos pretendentes. Lamenta, no entanto, não poder *"mais às núpcias fugir, nem achar nenhum outro plano"*.

Como Penélope insiste em saber de sua biografia, Odisseu inventa que se chama Étone, que é de Creta, onde havia encontrado Odisseu, forçado para lá pelos ventos. Enquanto ouve o relato fictício mas convincente do encontro de "Étone" com seu marido, do rosto de Penélope escorrem lágrimas.

"Ouve-o Penélope; a flux pelo rosto lhe escorrem as lágrimas.
Tal como cândida neve reunida, por Euro desfaz-se
pelas cumeadas dos montes, tocada do sopro de Zéfiro,
e, derretendo-se, aumenta, de pronto, a corrente dos rios:
dessa maneira esfazia-se em choro seu belo semblante,
pelo marido que ao lado lhe estava. Odisseu, em verdade,
muito sentia por ver a mulher, desse modo, chorando.
Mas conseguiu manter firmes os olhos nas pálpebras firmes,
como se fosse de chifre ou de ferro, a emoção escondendo." (pág. 325)

"Étone" descreve as vestimentas que Odisseu portava na ocasião e Penélope se convence da veracidade da história. Recebe do "cretense" a notícia de que Odisseu já se acharia perto, *"na terra fecunda de homens Tesprotos"* e chegaria em menos de um mês.

"Que Zeus o saiba primeiro, o melhor e o mais forte dos deuses,
bem como o lar de Odisseu impecável, a que ora hei chegado,
como haverá de se dar isso tudo, do modo que o digo:
ainda no curso deste na há de vir Odisseu de retorno,

antes de a lua apagar-se e ficar novamente redonda." (pág. 328)

Penélope promete que vai tratá-lo condignamente e defendê-lo porque *"é bem curta, sem dúvida, a vida dos homens"*. Ela conclui:

"Mas, quem se mostra benigno e só sabe espalhar benefícios,
os estrangeiros a fama excelente por longe lhe exaltam
entre os mortais, sendo muitos os homens que nobre lhe chamam." (pág. 329)

Conforme as regras da hospitalidade, a rainha manda as servas lavarem os pés do estrangeiro, mas o "cretense" recusa qualquer serva que não seja uma mulher *"que muito na alma já tenha sofrido torturas das minhas. A essa não faço nenhuma objeção de nos pés vir tocar-me"*.

Penélope indica, então, Euricléia, *"uma velha dotada de juízo justo, que serviu de ama a Odisseu, o infeliz, e o criou dedicada, desde o momento do parto, ao lho pôr a mãe dele nos braços."*

Euricléia lava os pés do "cretense" e reconhece uma cicatriz *"que um porco-do-mato causara, quando ele (Odisseu) a Autólico e aos filhos outrora visita fizera, lá no Parnaso"*. Um javali o mordera na coxa acima do joelho e havia deixado marca inconfundível.

"És Odisseu, caro filho, não tenho mais dúvida: nunca
fora possível sabê-lo, sem que em meu senhor eu tocasse."
Isso disse ela, virando-se para onde estava Penélope,
de revelar desejosa que o esposo se achava ali dentro.
Esta, porém, não na via, nem mesmo atenção lhe prestava,
que tinha sido por Palas desviada. Odisseu, entrementes,
a mão direita lançou-lhe à garganta, apertando com força;
com a sinistra a puxou para perto e lhe disse o seguinte:
'Mãe, queres ver-me perdido? Tu própria me criaste nos peitos,
quando pequeno. Ora volto, depois de trabalhos sem conta
e de vinte anos passados, de novo ao país de nascença.
Mas, uma vez que um dos deuses te fez conhecer-me no espírito,
cala-te, e que ninguém mais, no palácio, a saber isso venha.
Vou revelar-te, com toda a clareza, o que vai ser cumprido:
Se os pretendentes ilustres me der um dos deuses que eu mate,
não pouparei nem a ti, muito embora me tenhas criado,
quando chegar o momento de as servas matar no palácio." (pág. 333)

Penélope conta ao visitante um sonho, que Odisseu interpreta como premonição da total destruição dos pretendentes, mas ela é da opinião de que os sonhos são de *"chifre"* ou *"marfim"*; os primeiros anunciam as coisas futuras; os segundos *"falam de coisas vazias"*. Penélope acha que o seu sonho é de marfim e, conformada com o seu destino, cogita promover um concurso de machadinhas, *"tal como fazer Odisseu costumava"*, para escolher um dos pretendentes. Recolhe-se deprimida:

"Na companhia das servas subiu para os quartos de cima,
para chorar pelo caro marido, Odisseu, té que sono
muito tranqüilo nos olhos lhe Palas Atena vertesse." (pág. 336)

Canto XX

Acerca da Morte dos Pretendentes

"Odisseu, primeiro pensando em matar as serventes que se uniram aos pretendentes, muda de opinião. Então, conversa com Eumeu e Filécio. Enquanto isso, os pretendentes se reúnem".

Odisseu, que dorme no vestíbulo do palácio, está incomodado com as criadas que, *“por entre muitas risadas, trocando conceitos jocosos”* soíam unir-se aos pretendentes de *“conduta insolente”*. Pensa em matá-las naquela mesma hora, mas recua dizendo para si mesmo:

> *“Sê, coração, paciente, pois vida mais baixa e mesquinha*
> *já suportaste, ao comer o Ciclope, de força invencível,*
> *os companheiros queridos. Mas tudo agüentaste, até seres*
> *por meus ardis libertado da furna, ao pensarmos na Morte.”* (pág. 338)

Atena o visita perturbado pela indignação, o reconforta e *”depois de lançar-lhe nas pálpebras o doce sono, voltou para o Olimpo sagrado, de novo”*.

Penélope sonha que Odisseu havia dormido a seu lado.

Quando todos acordam é dia de festa em homenagem a Apolo. Todos se apressam porque naquele dia de festa maior os pretendentes viriam mais cedo. Chega Melântio e, vendo Odisseu, o ofende de novo: *“Por que não te vais de uma vez a outras partes?”* Chega Filécio, o fiel guardador dos rebanhos de Odisseu, e diferentemente do outro lhe estende a mão destra, tratando-o com honradez e criticando os pretendentes que, a todo custo, querem suas reses, *“sem dar importância ao herdeiro da casa e sem temer da vingança dos deuses”*. O mendigo profetiza-lhe a volta de Odisseu.

Os pretendentes, por sua vez, conspiram nos salões pela morte de Telêmaco, que os adverte a *“evitar as injúrias e atos de prepotência”* e discursa dirigindo-se ao “estrangeiro”:

> *“ ‘Senta-te, agora, entre os homens e bebe o teu vinho conosco;*
> *não sofrerás mais nenhuma agressão nem grosseiros insultos*
> *dos pretendentes, porque este palácio não é casa pública,*
> *mas de Odisseu simplesmente, de quem, por herança, me veio.*
> *Vós, pois, senhores, tratai de evitar as injúrias e os atos*
> *de prepotência; convém que não surja discórdia e contenda.’*
> *Disse; os presentes, ouvindo-o, morderam os lábios com força,*
> *Maravilhados de como Telêmaco a todos falara.”* (pág. 345)

Ctesipo, um varão *“de grosseiros princípios”*, vindo da ilha de Samo, *“em demasia confiado na muita riqueza paterna, solicitava a mulher de Odisseu, por estar ausente”* e atira *“um pé de boi”* em Odisseu, que se desvia. Telêmaco o censura duramente, dizendo que se tivesse acertado o golpe, o pai dele em Samo, no lugar do casamento, cuidaria do enterro.

Agelau toma a palavra e aconselha Penélope a decidir logo por um pretendente, porque *“hoje é claro e evidente que a volta para ele* (Odisseu) *é impossível”*.

No meio da confusão, Palas Atena faz com que todos soltem *“inextinguível risada, turvando-lhes o uso da mente”*.

> *“Em convulsões estorciam-se, rindo com rostos estranhos.*
> *Carne ainda crua e sangrenta comiam; os olhos de lágrimas*
> *Cheios ficaram, subindo-lhes do íntimo tristes presságios.”* (pág. 347)

Canto XXI

PARTE VI: A VINGANÇA DE ODISSEU

“Penélope apresenta o arco aos pretendentes. Odisseu, sendo reconhecido pelos seus serventes, combina com eles a morte dos pretendentes. Os pretendentes não conseguem envergar o arco e Odisseu triunfa sobre todos”.

Como parte do plano, Atena, *“a de olhos glaucos”*, inspira Penélope a propor aos pretendentes um concurso com o arco que Odisseu recebera como presente de Ífito. O vencedor finalmente seria seu marido.

Penélope discursa aos pretendentes:

> *“ ‘Vós, pretendentes ilustres, ouvi quanto passo a dizer-vos:*
> *O meu palácio invadistes, comendo e bebendo sem regra,*
> *por estar longe o senhor há bem tempo. Nenhuma desculpa*
> *para essa vossa conduta até agora aduzir conseguistes*
> *fora o dizerdes que esposa queríeis que eu de um a ser viesse.*
> *Ânimo, pois, pretendentes, que um pleito ora passo a propor-vos.*
> *Ora apresento-vos o arco do grande e divino Odisseu.*
> *Quem conseguir, facilmente, passar nele a corda, encurvando-o*
> *e remessar, logo após, pelos doze orifícios, a seta,*
> *a esse estou pronta a seguir como esposa, deixando o palácio*
> *do meu primeiro marido, tão belo e com tantas riquezas,*
> *que na memória hei de ter sempre vivo, até mesmo nos sonhos.’ ”* (pág. 353)

Telêmaco toma iniciativa de tentar atirar com o arco, prepara-se e, a um sinal de Odisseu, *“refreia a ardência”*. Lamenta astutamente: *“Pobre de mim! Ou me vejo fadado a não ter nunca força, ou, por ser moço, não tenho no braço o vigor necessário, para de alguém defender-me, que ofensa, primeiro, me faça”*. Convida os outros a tentarem e todos o fazem, sem que ninguém tenha conseguido vergar minimamente o arco, nem mesmo aquecendo-o e untando-o com gordura provida pelo detestável Melântio.

Enquanto o concurso se desenrola, Odisseu encontra seus servos fiéis, o porqueiro Eumeu e o vaqueiro Filécio, na porta do palácio lamentando a falta de seu amo e a decisão de Penélope. Odisseu conta-lhes a verdade: *“Já no palácio me encontro, em pessoa”* e lhes mostra a cicatriz para provar.

> *“Quando os dois homens a viram e plena certeza obtiveram,*
> *sobre o prudente Odisseu se lançaram, chorando em voz alta,*
> *a acariciá-lo, exultantes, beijando-lhe os ombros e a testa.*
> *De igual maneira Odisseu lhes beijava a cabeça e as mãos ambas.”* (pág. 358)

Odisseu pede a Eumeu que, uma vez no salão, entregue-lhe o arco e que avise as criadas a não interferirem se ouvirem *“gemidos e gritos”*. A Filécio incumbe de fechar a porta do pátio com ferrolho para impedir a fuga dos pretendentes.

Odisseu entra na sala e solicita o direito de medir sua habilidade com o arco. Os pretendentes se rebelam ante a audácia do mendigo, mas Penélope defende o estrangeiro: *“O arco polido entregai-lhe; vejamos como isso termina”*. Antes da tentativa, Telêmaco pede à mãe deixar o local e retirar-se aos seus próprios lavores, *“que este arco só aos homens importa, mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa”*. Ela obedece, *“cheia de espanto”* com a autoridade do filho.

Eumeu leva o arco a Odisseu, sob protesto *"dos moços de mente soberba"*. Telêmaco o apóia. Odisseu *"o grande arco vergou facilmente"* e *"os pretendentes ficaram tomados de susto, fugindo-lhes do rosto o sangue"*. O Laértida faz o disparo da flecha sem falha alguma e discursa:

> *"Não sou, por certo, o que os moços julgavam, com tanto desprezo.*
> *Mas o momento é chegado de a ceia aprestar aos Aquivos,*
> *enquanto há luz. De outro modo, depois, a folguedos se entreguem,*
> *cítara, danças e canto, os enfeites de todo banquete.*
> *Tendo isso dito, piscou-lhe; cingiu logo a espada cortante*
> *O caro filho do divo Odisseu, o divino Telêmaco,*
> *Que a lança firma na mão, vindo ao lado do pai colocar-se,*
> *Junto do trono em que estava, vestido de bronze brilhante."* (págs. 363-364)

Canto XXII

A chacina dos Pretendentes

"Odisseu completa a morte dos pretendentes com a presença de Atena. Então, Telêmaco e os serventes castigam as serventes e Melântio".

Aproveitando a perplexidade geral, Odisseu declara que está à procura de outros alvos e dispara uma flecha contra Antínoo, no momento em que este bebia *"sem ter a suspeita da Morte no coração"*. Ao ver a cena, os pretendentes saem procurando armas nos *"muros de bela feitura".* Odisseu lhes diz:

> *"Cães, não pensáveis, decerto, que um dia voltar eu pudesse*
> *lá da planície de Tróia, e por isso meus bens arruináveis,*
> *às minhas servas fazíeis violências sem conta, aqui dentro,*
> *e pretendíeis-me a esposa, apesar de que eu vivo estivesse,*
> *sem terdes medo dos deuses eternos que moram no Olimpo*
> *nem da vingança dos homens, que um dia pudesse alcançar-vos.*
> *Sobre vós todos, agora, já impendem as malhas da Morte."* (pág. 366)

Eurímaco se adianta, põe toda a culpa no recém-assassinado Antínoo e pede clemência para os outros, prometendo indenizações. Odisseu não aceita. Eurímaco tenta organizar um ataque a Odisseu, mas é morto imediatamente. Telêmaco adere à luta e mata Anfínomo (que não aproveitou os conselhos que recebera na véspera). Melântio esgueira-se para o aposento de cima, por uma das frestas da sala, de onde traz armamentos para os pretendentes. Odisseu lutando com seu filho contra cem adversários, embora na maioria desarmados, *"teve forte abalo"* ao ver as lanças de Melântio chegando. Odisseu encarrega Eumeu de perseguir Melântio, que havia ido buscar mais armas e o pendurar amarrado numa trave. Quando Eumeu e Filécio voltam da cumprida missão, encontram Palas Atena disfarçada de Mentor assistindo a refrega. Um dos pretendentes insulta Mentor, sem saber tratar-se de Palas. Ofendida, a deusa critica Odisseu por estar receoso de mostrar-se forte, transforma-se numa andorinha e vai pousar *"numa trave da sala enfumada"*. Seus pretendentes avançam contra Odisseu, mas Atena frustra a pontaria das lanças que Melântio trouxera. Aos poucos foram todos os pretendentes mortos por Odisseu, por Telêmaco, pelo porqueiro e pelo vaqueiro, ajudados por Palas Atena. As súplicas por clemência não foram ouvidas, com exceção do arauto Medonte, poupado para poder contar aos *"sócios quanto às ações reprováveis as boas em tudo superam"*.

Quando Euricléia grita de alegria à visão dos cadáveres, Odisseu a censura *"pois é impiedade mostrar alegria ante um corpo sem vida"* e pede-lhe *"relato completo das servas da casa que lhe haviam negado respeito"*. A anciã diz-lhe que, das cinqüenta, doze *"a estrada do vício empreenderam"*. Odisseu manda trazê-las para lavar a sangueira e ordena a Telêmaco para depois, *"com espadas compridas feri-as, até*

que a elas todas a alma arranqueis". Para não lhes dar *"morte excelente"*, Hipólito decide enforcá-las. A Melântio é cortado o nariz, as orelhas e os genitais antes de ser morto.

> *"Quando acabaram de os braços e as pernas lavar, retornaram*
> *para o palácio do herói, que o trabalho já estava concluído.*
> *Vira-se para Euricléia Odisseu e lhe diz o seguinte:*
> *'Traz-me enxofre, que os males expurga, e também umas brasas,*
> *porque o aposento defume. Depois vai dizer a Penélope*
> *que em companhia de suas criadas aqui venha logo.*
> *Que se apresentem, também, a esta sala as restantes criadas.' "* (pág. 379)

Canto XXIII

Penélope reconhece Odisseu

"A mensagem de Euricléia para Penélope sobre Odisseu e sobre a morte dos pretendentes. Penélope reconhece Odisseu. Resumo de suas aventuras".

Euricléia, cheia de júbilo, vai acordar Penélope para lhe dizer que seu marido se encontrava na casa:

> *"Filha querida, Penélope, acorda, porque com teus próprios*
> *olhos ver possas aquilo por que há tantos dias ansiavas.*
> *Já no palácio se encontra Odisseu, ainda que haja tardado.*
> *Os pretendentes ilustre matou, que teus bens consumiam*
> *E a própria casa, e a teu filho por modo insolente tratavam."* (pág. 381)

Penélope diz que Euricléia está insana e que lhe havia acordado de um dos melhores dos sonos que já tivera *"desde que Odisseu foi para Tróia infeliz, cujo nome dizer não consigo"*. Euricléia diz-lhe que o "forasteiro" era Odisseu e que Telêmaco já sabia, mas guardava segredo para que o pai pudesse vingar-se. Penélope dá um salto da cama alegre *"e foi a velha abraçar, marejando-lhe, súbito, as lágrimas"*. Euricléia conta como Odisseu matara os pretendentes:

Ainda insegura, Penélope se nega a acreditar que se trata de Odisseu, mas que algum deus que se indignara com tantas *"ações impiedosas"* e que *"longe da terra acaia Odisseu a esperança perdeu e a existência."* Euricléia fala da cicatriz de Odisseu, mas não a convence. Penélope está confusa e não sabe em que acreditar. Ela vai ao encontro de Odisseu e o observa impassível. Telêmaco reclama da mãe não reconhecer o esposo. Penélope diz que, se aquele for Odisseu, ela saberá *"porque temos sinais eloqüentes de nós sabidos"*.

Odisseu diz para Telêmaco meditar sobre o fato de que haviam matado os moços de melhor linhagem de Ítaca e mostra a necessidade de novo plano:

> *"Vou, nesse caso, aventar o que julgo ser mais conveniente:*
> *Primeiramente, lavai-vos; após, envergai limpas túnicas,*
> *E às servas todas da casa também ordenai que se vistam.*
> *Tome, depois, o divino cantor o sonoro instrumento,*
> *para que todos o sigam nos passos alegres da dança,*
> *porque os vizinhos presumam, ou mesmo qualquer transeunte*
> *que lá de fora escutar, que se trata de bodas festivas.*
> *Não aconteça espalhar-se a notícia, no povo, da Morte*
> *dos pretendentes, sem que já tenhamos saído e alcançado*
> *nosso domínio sombreado; uma vez lá chegados, veremos*
> *o que de mais pertinente nos pode inspirar Zeus Olímpico."* (pág. 385)

Fora da mansão, todos acreditam que Penélope havia desposado enfim algum dos pretendentes e alguns até a criticam por não ter esperado por Odisseu!

A fiel despenseira Eurínome banha e unta de óleo o corpo de Odisseu, Atena o embeleza de modo *"que sai da banheira na forma exterior parecendo um dos deuses"*. Ele vai ao encontro de Penélope, que ainda não o havia abraçado, e lhe diz que ela tem o coração mais duro de todas as mulheres. Anuncia que irá se deitar sozinho. Penélope, na frente dele, pede para que Euricléia leve o leito feito por seu marido para fora do quarto, um estratagema para verificar sua identidade. Odisseu pergunta *"quem pôde o leito tirar do lugar"*, porque *"só mesmo um dos deuses conseguiria, sem grande trabalho, mudá-lo de sítio"*, construído que era num tronco de oliveira maciça. Penélope então se convence de que aquele era seu marido, pede desculpas e justifica que não queria mais se enganar: *"O coração no imo peito se achava em constante receio de que pudesse alguém vir a enganar-me com ditos felizes"*. *"Os esposos alegremente o lugar alcançaram do se velho leito"* e *"aos prazeres do amor se entregaram e aos inefáveis encantos de longo e agradável colóquio"*. Odisseu e Penélope contam um para o outro as atribulações e sofrimentos que passaram.

Odisseu também fala sobre as futuras provações que passarão ainda, profetizadas por Tirésias no Hades.

> *" 'Ainda, mulher, não chegamos à meta das nossas desditas,*
> *sim me reserva o futuro acabar uma empresa indizível,*
> *longa e difícil, que a mim, só, compete levar a bom termo.*
> *A alma do vate Tirésias desta arte me fez vaticínios*
> *quando no de Hades palácio a pisar eu me vi obrigado,*
> *para que dele instruções obtivesse a respeito da volta.*
> *Mas para o leito subamos, mulher, finalmente, que juntos*
> *no doce sono possamos fruir agradável repouso.'*
> *Disse-lhe, então, em resposta Penélope muito sensata:*
> *'A qualquer hora que o queiras, teu leito acharás preparado,*
> *visto ter sido a vontade dos deuses eternos trazer-te*
> *para tua casa bem-feita e o querido país de nascença.*
> *Mas, uma vez que falaste no assunto, que um deus te pôs na alma,*
> *Esse trabalho me conta, porque, se é forçoso que tenha*
> *de conhecê-lo,será preferível saber tudo logo."* (págs. 388-389)

Amanhece mais tarde no dia seguinte, porque apenas quando Atena julgou ter Odisseu *"saciado bastantemente do leito da esposa e do sono agradável, fez com que a Aurora, de dedos de rosa, saísse do Oceano, para que aos homens à luz conduzisse"*. Odisseu vai ver seu pai na sua fazendola e avisa os seus que *"tomassem armas de guerra"*.

Canto XXIV

Segunda Descida ao Hades e o Tratado de Paz

"Hermes guia as almas dos pretendentes ao Hades e se preparam para a segunda descida ao país dos mortos. Odisseu é reconhecido por seu pai Laertes. Ocorre uma revolta dos itacenses acerca da morte dos pretendentes, mas Atena mantém a ordem".

O mensageiro Hermes reúne as almas dos pretendentes que esvoaçam zumbindo em torno dele e as leva na direção do Hades.

> *"Pela corrente do Oceano perpassam, as pedras de Leucas*
> *e as claras portas do Sol, assim como os Domínios do Sonho,*
> *te que, afinal, alcançaram o prado coberto de asfódelos,*
> *onde se achavam reunidas as almas, imagens dos mortos."* (pág. 394)

Enquanto isso, Odisseu chega ao *"campo bem cultivado"* de Laertes, o avista *"com roupas velhas e sujas"*. Odisseu sente *"confranger-se-lhe o peito"* e põe-se a chorar ao longe junto ao tronco de uma alta pereira. Refreando o desejo de o abraçar, Odisseu decide testá-lo e apresenta-se, dizendo-se estrangeiro. Diz estar em Ítaca procurando um guerreiro que hospedaria em sua pátria e que, segundo constava, era de *"Laertes, de Arcésio nascido"*. Laertes, em lágrimas, suplica:

> *"Caro estrangeiro, chegaste, realmente, ao lugar aludido,*
> *mas dominado se encontra por seres de extrema arrogância.*
> *Em pura perda o hospedaste e lhes deste tão belos presentes.*
> *Se, porventura, nesta ilha o tivesses achado com vida,*
> *só te deixara partir pós te haver carinhoso hospedado*
> *e feito brindes magníficos, pois o acolheste primeiro.*
> *Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:*
> *Há quanto tempo se deu que em teu belo palácio hospedasses*
> *a esse infeliz estrangeiro, meu filho – se o foi nalgum dia! -."* (págs. 401-402)

Odisseu mantém a farsa, inisistindo em que é Epérito, descendente de Afidante da cidade de Alibas e diz que havia hospedado Odisseu cinco anos antes. *"Uma nuvem de sombria dor a Laertes cobriu e, tendo terra anegrada tomado nas mãos, derramou-a na veneranda cabeça, a soltar incessantes gemidos"*. Odisseu não agüenta mais e se revela:

> *" 'Eu sou, de fato, meu pai, a pessoa que há pouco aludiste,*
> *que, decorridos vinte anos, à terra nativa retorno.*
> *Não continues, portanto, a chorar e a gemer desse modo,*
> *Que ora te vou relatar com a urgência que o caso nos pede:*
> *Os pretendentes já se acham sem vida no nosso palácio,*
> *Pois o castigo tiveram de suas ações criminosas.' "*(pág. 403)

Odisseu mostra a cicatriz do javardo e relembra conversas sobre o pomar de que só os dois saberiam. Ao ver a cicatriz e ouvir o relato, o velho quase desmaia.

Enquanto isso, na cidade, corre o boato da chacina dos pretendentes. Uma multidão vinda de todas as partes começa a se aglomerar na frente da casa de Penélope. Abertas as portas, cada família tira da casa o seu morto e o sepulta. Os de outras cidades são mandados de barco para suas casas. Eupites, pai de Antínoo, reivindica vingança. A multidão engrossa e começa a aderir, mas emerge da mansão o poupado Medonte que lhes diz:

> *" 'Quando vos digo, Itacenses, ouvi. Não foi sem a vontade*
> *dos deuses todos eternos que pôde Odisseu fazer isso,*
> *pois um dos deuses eu vi de imortal aparência, que junto*
> *se pôs do grande Odisseu, semelhante a Mentor na aparência.*
> *Esse habitante do Olimpo umas vezes surgia-lhe à frente,*
> *a estimulá-lo, animoso, outras vezes corria, ameaçando*
> *os pretendentes, que aos montes, por cima uns dos outros, caíam.' "*(pág. 406)

"A essas palavras o pálido medo de todos se apossa", mas o ancião Halisterses lhes fala, instando-os a não procurar vingança, pois dela viria a sua desgraça. Não obstante, mais da metade dos que ali estavam foram pegar em armas.

Na casa de Laertes, Odisseu e os seus esperam a comitiva belicosa. As três gerações se confraternizam:

> *" 'Ora que te achas no ponto de a luta encetar, caro filho,*
> *onde se afirmam os grandes heróis, deves sempre lembrar-te*
> *de não lançar ignomínia na raça dos teus, que até agora*
> *em toda aterra por força e coragem sem-par, se ilustraram.'*

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
'Caso o desejeis, meu pai, hás de ver que, com minha coragem
não mancharei nossa raça, conforme tu próprio o disseste.'
Disse; exultante Laertes o ouviu, prorrompendo em seguida:
'Deuses amados, que dia feliz, de suprema alegria!
O filho e o neto contendem, por ver qual é o mais valoroso!" (pág. 408)

Deflagrada a nova luta, inspirado por Atena, que acompanha tudo com aparência *"mui semelhante a Mentor"*, Laertes mata Eupites com sua lança. Odisseu e Telêmaco matam os da primeira fila e mais teriam matado, se Palas Atena não tivesse intervindo: *"Ponde, Itacenses, um fim a essa horrível e inglória matança, e separai-vos, sem perda de sangue, o mais presto possível!"* Os atacantes assustados fogem e Odisseu os persegue, mas Zeus pessoalmente interfere:

"Nesse momento Zeus Crônida um raio atirou fumegante,
que foi cair bem ao pé da donzela de Zeus poderoso.
A de olhos glaucos, Atena, então disse a Odisseu valoroso:
'Filho de Laertes, de origem divina, engenhoso Odisseu,
põe logo termo a essa guerra funesta. Não seja isso causa
de se irritar contra ti Zeus potente, nascido de Crono.'
Alegremente, Odisseu ao conselho de Atena obedece.
Pacto de paz permanente firmou entre os grupos imigos
a de olhos glaucos, Atena, a donzela de Zeus poderoso,
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala." (pág. 409)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da edição "Odisséia", da Ediouro Publicações SA, Rio de Janeiro, 2002, 5 ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes)